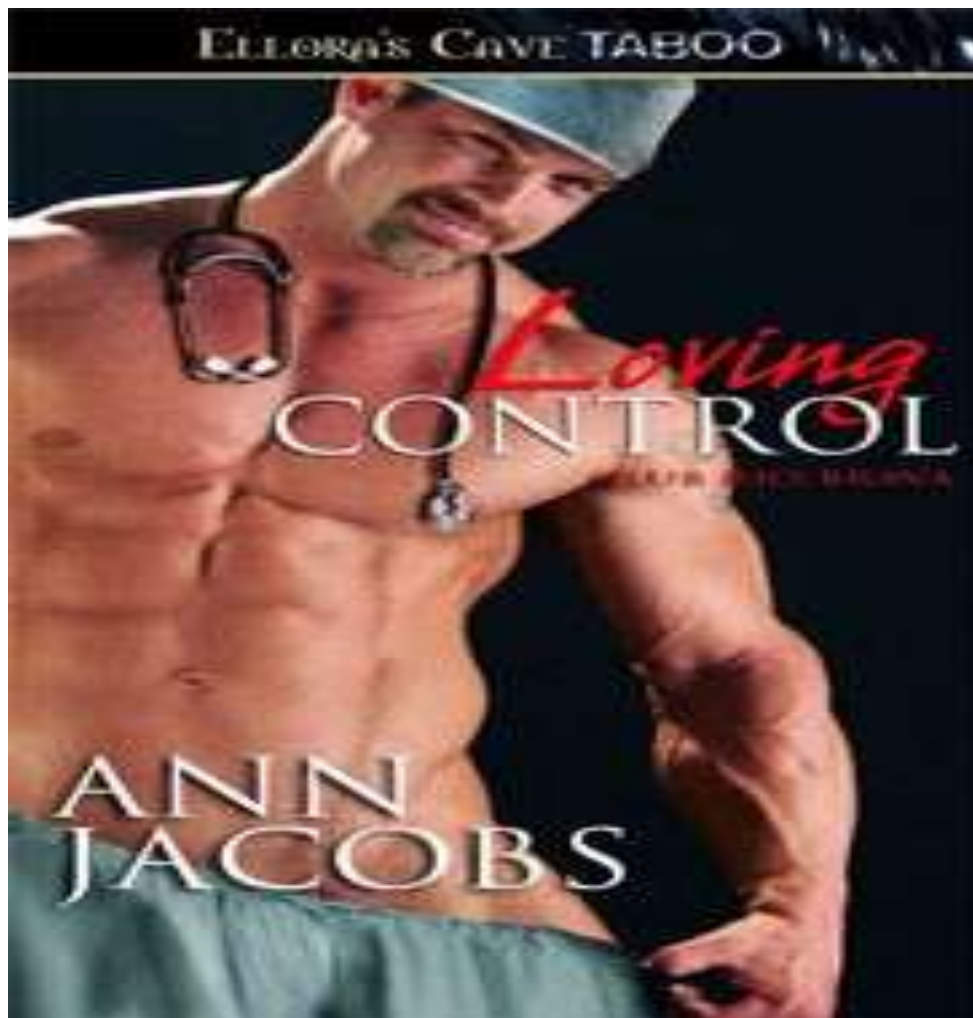


Controle Amoroso

Clube Rio Brava 01

Ann Jacobs



Revisão Inicial: Dani Saccomani

Revisão: Michelle

Visto Final e Formatação: Keila L.



SINOPSE

Quentes beijos sensuais faziam seus sonhos molhados... isso é que o cirurgião Eli Calhoun pensava sobre Maggie Berman a sua residente. E nada, nem mesmo, sexo excêntrico, com os submissos, no Clube Rio Brava, conseguia afastar sua mente dos lábios de sua colega de trabalho.

Existia só um problema. Eli é um dominante sexual procurando por um submisso, e Maggie é a mulher mais “em controle” que ele já encontrou. Até a noite que ele a leve para sua casa e quebre o controle no quarto, pelo menos.

Maggie está correndo assustada. Ela aprendeu algumas lições duras de seu ex-Mestre. Quando o bonitão cirurgião faz um movimento para ela, oferecendo fazer que seus sonhos mais selvagens realizem-se, não é apenas sexo. Eli quer tudo e isso inclui seu precioso controle.

PRÓLOGO

O cirurgião de trauma, Elijah Calhoun, silenciou a necessidade, que quase lhe tirou a respiração, quando caminhou para Margaret com o grupo de médicos do Hospital Universitário, beijou-a brevemente, ajudou-a a entrar em seu carro e assistiu-a ir embora. Tanto quanto ele gostaria, ele não queria começar com o pé esquerdo, fazendo movimentos, quando Margaret Berman ainda estava no 3º ano de residência, embora, a dor em seu pênis quase o fez reconsiderar.

Até agora, ele manteve sua relação no nível profissional, como deve ser, sempre, com os residentes ao seu serviço. Mas os dois precisavam relaxar depois da longa e arriscada cirurgia, e agora eram três da manhã e uma melodia assombrosa flutuava nas proximidades do salão, onde eles acabaram de compartilhar uma bebida e dançaram, e a letra da canção, francamente, sexual, disparou-lhe a libido. Segurando-a, sentindo o seu calor embaixo das mãos, imaginando-se acariciando a pele lisa agradável ao toque e não um conjunto áspero, moldado por cirurgias.

Certo. Maldição, ele estava assustado pela forma que, tê-la em seus braços, alimentava sua libido, de um modo que, nem mesmo, os submissos mais experientes em seu clube, nos arredores de San Antonio, haviam sido capazes de fazer, recentemente.

A brisa da noite fria, típica do outono no sul do Texas central, fez Eli tremer. Tinha sido um inferno de uma noite para ele também. Ele devia ter enviado Margaret direto para casa, quando terminaram o processo, mas ela pareceu tão drenada. Raramente vulnerável, como se o controle apertado que ela mantinha no trabalho, de repente, tivesse estourado e ela precisasse de um amigo para segurá-la. Ele disse, a si mesmo, que, era por isso que ele a convidou para dançar e, por isso, que, quando ela inclinou a cabeça para trás e sorriu para ele, ele beijou-a.

O gosto inebriante, a maciez dos lábios dela, deixou suas marcas na mente dele. Tinha começado inocentemente, um breve encontro de lábios, enquanto balançavam, ao som de algo suave, lento e sensual. Mas, ela respondeu como se estivesse morrendo de

fome. Como se precisasse de um homem e quisesse ele. Ele conseguiu manter o beijo quase platônico, até que ela correu a língua ao longo da costura dos lábios dele, entrelaçando suas línguas, assim que, ele abriu os lábios e deixou-a entrar.

Ele ficou chocado, com a tensão sexual que estalou entre eles, quando, ela entrelaçou suas línguas com um entusiasmo que ele nunca teria esperado, nem teria ousado iniciar. Ele ficou, imediatamente, duro, e ainda estava, dolorosamente, desperto.

Você devia tê-la acompanhado até em casa. Se você tivesse, não estaria sofrendo agora. Quando ele subiu em seu próprio carro e ligou o motor, lamentou-se, momentaneamente, por não ter ido. Entretanto, ele pensou, sobre seu estilo de vida, e tentou em vão, imaginar Margaret como a submissa de suas fantasias mais selvagens. Não computava. Ela era muito competente, muito controlada. Por tudo que, ele soube, ela poderia ser uma Dominatrix¹. Ela, certamente, não tinha sido tímida ao iniciar aquele beijo francês².

Se ele não estivesse enganado, e ele não pensava estar, ele sentiu algo na língua dela. Não um anel ou qualquer coisa que ele, definitivamente, teria notado que ela usava, no trabalho, mas sim um disco de plástico pequeno, descansando em sua língua. Um piercing de língua? Parecia, malditamente, fora do caráter de Margaret, ter um, mas ele sentiu isto, novamente, quando eles se beijaram ao lado do carro dela.

Ele podia ter lido Margaret erradamente, todo esse tempo? Eli duvidou disso. Embora ele não a visse, muito, fora do hospital, com certeza, ela dava a todo mundo a impressão de que ela nunca se deixava levar, nunca deixava as emoções substituírem a razão. Porém... nenhuma das parceiras baunilhas³, que ele já beijou, tinha uma língua perfurada.

Sem conseguir tirar Margaret Berman dos pensamentos. Eli sentou-se, por alguns minutos, escutando o zumbido do motor e tentando deixar de pensar em Margaret, toda suave e submissa, respondendo a suas ordens no quarto, do modo como ela fazia

1 Dominatrix (do latim "dominatrix", que significa "mulher dominadora" ou "mestra") é uma mulher que exerce o papel "dominadora" em práticas de BDSM. A Dominatrix profissional é a que exerce a profissão de realizar as fantasias de clientes submissos. A Dominatrix, não-profissional, exerce a função de dominadora em seu cotidiano, ou seja, tanto dentro quanto fora de um quarto, com um escravo pessoal, que pode ser seu amigo/namorado.

² O beijo de língua.

³ Termo usado para indicar o sexo convencional. Pessoas que não estão envolvidas em BDSM.

quando ele estava atrás dela na SO⁴, instruindo-a em uma nova técnica para reinflar um colapso pulmonar.

Maldição. Era muito tarde para ir para casa. Ele não chegaria lá antes de ter que voltar aqui, novamente. Ele dormiria algumas horas no sofá em sua sala. Desligou o carro e saiu, sentindo, mais uma vez, o ar de agosto quente e seco. Deixando escapar um suspiro, conscientemente, empurrando Margaret de sua mente, ele cruzou a rua para um edifício de vidro e cromo. Cintilando, contemporâneo e imponente, o lugar representava sucesso profissional e financeiro. Eli notava isso, depois de ter passado seis anos, trabalhando fora, em uma série de hospitais militares.

Ele olhou para o logotipo de destaque, mas de bom gosto, que tinha sido fixado no cromo, na semana passada. Blackstone, Silverman, Calhoun e Associados, P.A.⁵. Cirurgia de Trauma e Reabilitação. Eli trabalhou muito, condenadamente, longa e duramente, para conseguir crescer em sua profissão. Ele reembolsou a Força Aérea por tê-lo colocado na escola médica e ganhou uma sociedade em uma das mais conhecidas associações de trauma do Texas. Não existia, nenhum modo, de ele arriscar seu futuro, para fazer um movimento em uma residente, atribuída ao seu serviço. Não, a menos que, ele soubesse que de fato ela queria a mesma coisa que ele.

Não pela primeira vez, Eli invejou seus companheiros seniores Kurt Silverman e Mark Blackstone, por terem magníficas esposas carinhosas e um punhado de crianças entre eles.

⁴ SO é a abreviatura para Sala de Operação, no original foi usado OR (operating room).

⁵ Do original P.A. que abreviatura de Pulmonary Artery, que em português é Artéria Pulmonar .

CAPÍTULO 1

Um mês depois...

O destino deve ter sabido que, ela estaria fazendo a cirurgia torácica hoje à noite, sozinha, exceto por dois residentes do primeiro ano. Todos os pacientes, no pós-operatório, pareciam estar descansando bem, e foi isso, o que, a residente do terceiro ano, Margaret Berman, estava prestes a fazer.

Ela fez os residentes juniores vigiarem seus pacientes adormecidos, agarrou um cobertor no armário de aquecimento na recuperação e encabeçou para a sala de sono dos residentes, onde, ela, esperou ter, um sono de algumas horas ininterruptas.

Ela afundou em uma cama estreita, apreciando o silêncio, tirou seus sapatos e massageou seus pés cansados. O travesseiro convidava-a. Há quanto tempo, ela conseguira dormir? Desdobrando o cobertor aquecido, ela se embrulhou e se deitou as pálpebras já pesadas.

O som de uma sirene ao longe, penetrou nas paredes espessas da suíte do hospital, e ressoou em seus ouvidos. Margaret deslizou, ainda mais, debaixo de seu cobertor, rezou para que a emergência, iminente, não fosse para ela. Disse a si mesma que, traumas de tórax graves, possivelmente, não podiam acontecer duas vezes nas mesmas vinte e quatro horas. E ela, atendeu um, antes do meio-dia, com o médico sênior, Eli Calhoun, e tinha sido um caso de tiro fatal.

Eles o perderam, o forte líder da equipe da SWAT⁶, apesar de todo o esforço que fizeram, para salvá-lo.



6

Nos Estados Unidos, **SWAT** é o nome dado a uma unidade de polícia altamente especializada nos departamentos das grandes cidades.

Ela conseguiu segurar suas emoções, seguindo o exemplo de Eli. Ela até conseguiu isso e passou o resto de seu dia, esperando que ninguém notasse o tremor leve, em suas mãos, e o brilho das lágrimas derramadas, que borraram sua vista. Talvez, algum dia, ela pudesse lidar, melhor, com a perda de um paciente, desde que, soubesse que a equipe tinha feito o seu melhor.

Eli Calhoun era, definitivamente, o melhor, quando se tratava de traumas de tórax. O forte cirurgião, nunca hesitava, ia direto ao problema mais rápido e mais cuidadoso, do que ela teria acreditado que alguém, com suas mãos enormes, poderia administrar. Ela lembrou aquela noite um mês atrás, quando ele a confortou depois de outro caso, seu incrível controle, o calor de seu grande corpo duro, quando eles dançaram em um clube próximo.

O beijo que ela desejou que continuasse para sempre, mas sabia que não devia acontecer novamente.

Ele deve ter se sentido assim também, porque ele manteve suas conversas, estritamente, profissionais, o contato físico, limitado a uma mão firme em seu ombro, as mãos sobre as delas, quando lhe mostrou como amarrar uma artéria que continuava escapando dela.

Pare com isto, agora. A última coisa que você precisa fazer é perder o sono por um homem que não pode ter. Não importava o quão de magistral ele pareceu quando soube que ela precisou de companhia para segurar sua sanidade naquela noite.

Ela tinha acabado de enterrar sua cabeça debaixo das cobertas e apaziguar a sensação de mau agouro, quando uma voz estridente falou em seu pager⁷. — Dra. Berman. Sala de emergência. Agora.

Imediatamente acordada, Margaret enfiou os pés em seus sapatos e correu para o elevador, correndo os dedos por seus cachos despenteados enquanto ela saía.

Ponto para o destino.



⁷ Um **pager** (**bip, bipe** (português brasileiro) ou **radiomensagem** (português de europeu), ou raramente **radioprocura**) é um dispositivo eletrônico usado para contactar pessoas através de uma rede de telecomunicações

Tim Case, o residente da ortopedia em serviço, já estava lá, gritando ordens às enfermeiras. Um homem deitado numa maca, desesperadamente, pálido embora uma enfermeira pressionasse nele para estancar o sangue. Margaret podia ver que seu fêmur estava quebrado e a perna curvada em um ângulo grotesco.

— Você chegou a tempo, dorminhoca. Nós precisamos levar este sujeito para uma cirurgia rápida, ou ele sangrará. A bala cortou a artéria femoral.

Ela se aproximou, viu o que pareceu com um ferimento de entrada no tórax do paciente. Sangue escoando para fora, obscenamente, vermelho contra a palidez de sua pele.

— Radiografias?

Uma enfermeira pegou dois filmes nos leitores. Nem mesmo um estudante de primeiro ano de medicina podia perder uma bala alojada no pericárdio⁸, ou a que quebrou sua perna em girando-a numa bagunça. Margaret avaliou suas escolhas. Não existia nenhuma. Se este paciente tivesse qualquer chance, eles teriam que levá-lo para cirurgia, imediatamente, parar a hemorragia em sua perna e tirar aquela bala de seu tórax.

— Leve ele para cirurgia, e faça uma ligação para um médico sênior. Tim?

— Dr. Silverman está a caminho — a enfermeira responsável pelo pronto socorro disse, quando ela enfiou a cabeça pela porta.

Tim, sortudo. Maggie virou-se para ela. —Tente alcançar o Dr. Calhoun. — Se Deus existe, Eli estaria em algum lugar perto, como em sua sala do outro lado da rua. Ele disse a ela que depois do caso desta tarde estaria fora pela primeira vez em semanas. Ele mencionou algo sobre refrigeração em sua cabana e pegar alguns peixes. Por que Jerry, o companheiro de cirurgia torácica, que normalmente seria chamado para um caso como este, escolheu esta semana para ir a uma entrevista para um novo trabalho no Havaí? — É melhor nós irmos esfregar as mãos.

O elevador pareceu demorar uma eternidade, seu gemido baixo, pontuando o pânico que se construía em seu intestino. *Você pode fazer isto.* Maggie repetiu aquilo em

⁸ O **pericárdio** é um saco constituído de duas camadas flexíveis e distensíveis que envolvem o coração.

sua cabeça, como um mantra. Ou era este um caso de falso desafio? *Você operou tórax antes.*

Mas não quando cinco minutos poderiam significar a diferença entre a vida e a morte.

Quando o elevador finalmente parou, ela respirou profundamente e acalmou-se.

Ela administraria. Ela tinha que fazer isso. Os movimentos há muito tempo memorizados. Ela trocou suas roupas e correu para dentro da sala onde várias enfermeiras e o anestesista estavam preparando seu paciente.

— Por favor, tente contatar o Dr. Calhoun novamente — disse, para a enfermeira, quando ela começou a esfregar as mãos e braços.

Quando ela olhou abaixo, percebeu que os esfregava quase duro o suficiente para tirar sangue. Não importava. Erguendo seus braços para colocar as luvas, e deixando uma enfermeira amarrar a roupa, ela empurrou de lado suas trepidações e aproximou-se da mesa.

— Ele está fora — disse o anestesista.

Não tão cedo. Este era seu show, agora. Seu e do cirurgião ortopédico que já abria o ferimento da perna. Ela ficou a certa distância, o autocontrole que ela aprendeu a confiar no início, quando ela estava tentando agradar seus pais exigentes.

— Bisturi — disse, estendendo sua mão e sentindo a satisfação de pegar o instrumento pequeno, quando, ele bateu em sua palma. E assim ela começou a linha pequena de sangue marcando o lugar do corte, o zumbido da serra de ossos, seu peso em suas mãos lembrando a ela que um grande homem, Eli, estava muito mais adequado a este trabalho particular que ela. Finalmente, ela teve o tórax do paciente aberto, apenas registrando a voz do anestesista quando ele disse a uma enfermeira para pendurar outra unidade de sangue. Só tinham se passado alguns minutos, mas, pareceram como horas, desde que ela fez este corte, na primeira tentativa.



Eli não estava bem hoje à noite. Não de verdade. Estava tão mal, que precisou despejar sua frustração na sub de cabelos escuros, que ele escolheu, quando entrou na atmosfera escura e fresca do Clube Rio Brava, mas não estava funcionando.

Seis meses atrás, quando ele ainda estava na Força Aérea, ele teria apreciado muito mais este particular Clube de BDSM⁹, que um radiologista, tinha construído anos atrás, em uma propriedade rural que ele herdou. Mas ele não poderia suportar que alguém soubesse isto, então, teve que se satisfazer usando máscara e roupas de couro, em um clube numa cidade, tão longe quanto possível da base, e esperar que ninguém o visse chegando ou saindo.

Agora que, ele tinha conseguido um bom começo na prática privada, Eli vibrou na chance de aderir a um clube de BDSM, em que, ele podia mostrar o rosto sem ter medo de que quaisquer dos membros falariam disso. Cada membro teve tanta necessidade de isolamento como os outros e, também, reputações profissionais semelhantes para proteger. Ninguém tinha que se preocupar sobre ser visto, indo ou vindo. O lugar estava localizado próximo do Rio Medina, perto o suficiente, para voltar para San Antonio, em meia-hora ou menos, mas isolado, por acres de terra pertencentes ao clube e vendido em pacotes aos membros que quiseram construir uma casa de fim de semana. Ele comprou seu próprio lugar, abaixo na estrada, que ele ia, freqüentemente, relaxar e pescar no rio.

Hoje à noite, entretanto, ele estava tendo um tempo difícil, imerso na sensação de abandono. Eli que tinha acabado de perder uma batalha, de um tipo diferente, para um guerreiro mais poderoso que ele. Ele odiou perder o controle, e ele o perdeu, por um longo momento na SO. O chefe da equipe da SWAT, Elton Gaskins, não devia ter morto. Seu colete, supostamente, à prova de balas, devia ter impedido aquela ponta da bala de aço penetrar em seu tórax. Mas não tinha, e Gaskins morreu, vinte minutos

⁹ BDSM é um acrônimo para Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo. O *BDSM* tem o intuito de trazer prazer sexual através da troca erótica de poder, que pode ou não envolver dor, submissão, tortura psicológica, cócegas e outros meios. Por padrão, a prática é provocada pelo (a) Dominador (a) e sentida pelo (a) Submisso (a). Muitas das práticas BDSM são consideradas, num contexto de neutralidade ou não sexual, não agradável, indesejada, ou desvantajosa. O conceito fundamental sobre o qual o *BDSM* se apóia é que as práticas devem ser *SSC* (São, Seguro e Consensual). Atividades de BDSM não envolvem necessariamente a penetração, mas, de forma geral, o BDSM é uma atividade erótica e as sessões geralmente são permeadas de sexo. Em geral o limite pessoal de cada um não é ultrapassado, apesar de pedir para o dominador parar não adianta, pois faz parte, para esse fim é utilizada a *SAFEWORD* (palavra de segurança) que é pré-estabelecida entre as parte.

depois, numa cirurgia, desesperadora, para achar a bala e tampar o buraco. Desde que enfrentou a soluçante viúva de Gaskins alguns minutos mais tarde e disse-lhe que seu Elton não sobreviveu, Eli não podia deixar de ter um sentimento, pouco conhecido, de insuficiência. Metade dele estava de volta no hospital, examinando cuidadosamente o relatório, tentando ver se eles poderiam ter feito qualquer coisa diferente para salvar a vida do homem.

Os homens fortes não choram.

Eli chorou. Não então. Ele conseguiu segurar suas emoções sob controle, fingir força diante das lágrimas, escorrendo, no rosto da viúva. Mais tarde, ele isolou-se em um chuveiro, na sala dos cirurgiões e tentou fingir que as gotas quentes e salgadas de fluido, em suas bochechas, eram nada além de jatos errantes do chuveiro.

Depois de ver pacientes, em seu consultório, e fazer um treino no ginásio, que devia tê-lo o deixado drenado, ele veio diretamente aqui e escolheu sua sub de um punhado de mulheres solteiras. Ele nem tinha sequer se preocupado em trocar suas roupas, por uma das fantasias de couro, que ele mantinha guardadas aqui. Nenhuma necessidade para se aborrecer. Ele estava sem humor, hoje à noite, para cenas complexas ou ménages¹⁰. Ele, imediatamente, proporcionou prazer a sua parceira com as mãos e boca. Nenhum brinquedo¹¹, nenhuma restrição¹². Só a sensação crua. A entrega da satisfação para outro ser humano, a mesma liberação física, a que, ela, agora, estava tentando trazer a ele. Eli fechou seus olhos, tentando se concentrar no calor da boca da



¹⁰ **"Ménage à trois"** ou simplesmente *"ménage"* é uma expressão de origem francesa cujo significado originalmente denominava um domicílio habitado por três pessoas em vez de um casal. Sua tradução literal é "moradia a três".

Atualmente é utilizada para designar os relacionamentos sexuais entre três pessoas, geralmente. Podem ser dos seguintes tipos:

- MMF : Dois homens e uma mulher com bissexualidade masculina;
- FFM : Duas mulheres e um homem com bissexualidade feminina;
- MFM : Dois homens e uma mulher sem bissexualidade;
- FMF : Duas mulheres e um homem sem bissexualidade;
- MMM : Três homens em ato homossexual;
- FFF : Três mulheres em ato homossexual.

¹¹ Brinquedos sexuais.

¹² Restrição de movimentos, geralmente com algemas e cordas.

mulher em seu pênis, a cócega de respiração úmida dela, contra sua virilha, a suavidade das pontas dos dedos, quando, ela rolou seus testículos entre elas.

Não estava funcionando. Não que sua parceira não estivesse tentando, porque ela estava de joelhos diante dele, seus dedos esbeltos cravados em seu traseiro, sua boca trabalhando seu pênis, com habilidade praticada. Ele afundou os dedos na sedosa massa de cabelos dela, e viu outro par, casado um com o outro, se suas alianças de casamento iguais, significavam qualquer coisa, fazendo uma cena que, começava com o sujeito fazendo uma maldição de trabalho competente com o chicote¹³. Estavam terminando agora, seu marido e o outro Dom¹⁴, um penetrando sua vagina e o outro seu traseiro, enquanto ela ficava suspensa, em um aparelho de corda¹⁵ que a deixava aberta para o ataque duplo.

O que ele estava vendo e sentindo devia tê-lo feito liberar-se. Inferno, ele devia ter vindo, até agora, com nada além do boquete¹⁶ que ele estava conseguindo, que se tornava mais intenso a cada minuto que passava.

Mas ele não estava. Nem um pouco. Quando ele olhou para sua parceira entusiasmada, ele pensou em Margaret Berman, imaginou sua língua perfurada, correndo ao longo dos vasos de sangue pulsante em seu pênis, perguntando-se se ela estava tendo uma noite tranquila de plantão. Quando ele se imaginou perdendo a calma, rastejando, em sua cama estreita no quarto de dormir dos residentes e a dominando lá, seu pênis finalmente respondeu.

— Mais — rosnou, emaranhando as mãos nas mechas do cabelo da sub e encorajando-a a tomá-lo até o fundo da garganta. Seu ardor aumentando, lentamente,



13

14 Abreviação de Dominante.



15

16 “Boquete” ou “chupeta” são as gírias (brasileira) e “mamada”, “bóbó” e “broche” são as gírias portuguesas da **Felação** (*Fellatio*) é o sexo oral feito no genital masculino. Diz-se ativo quem pratica a felação e passivo quem a recebe. É tida como uma preliminar embora possa ser em algumas situações o objeto final do ato sexual. O termo é usado independente do sexo do praticante ativo (masculino ou feminino).

levantou o dele. Ele realmente poderia entrar e conseguir não envergonhar-se e recompensá-la por seus esforços. — É isso aí. Chupe-me duro. Faça-me gozar.

O bip, que ele colocou em um parapeito perto da janela, começou a soar. Sua vibração contra a madeira bem temperada, imediatamente, tirou sua mente longe da mulher sem rosto dando-lhe uma face agora. — Pare querida. O dever me chama.

Ainda bem. Seu coração não estava no jogo. Porque, ele não podia parar de pensar na viúva frágil e suas quatro crianças órfãs. Ou ouvir os ecos dela, lamentando, ou vendo a dor gritante, em seus olhos que brilhavam com lágrimas. Não era só isto. Ele não tinha estado “ligado” com seus parceiros sexuais durante algum tempo.

Talvez tivesse mais a ver, com querer uma mulher em particular, que ele não ousava tomar. Quando Eli pensava sobre isto, ele tinha certeza de que sua paralisia sexual começou no dia que Margaret Berman o beijou e despertou fantasias que nunca viriam a se concretizar.

Eli colocou suas calças, e correu para seu SUV¹⁷, ligou o motor poderoso e entrou na rodovia de tráfego leve. Maldição, no início do outono, era incomum encontrar este nevoeiro abrangente. Ele pisou no acelerador, pensando que o melhor a fazer era cortar o tempo dos quarenta minutos habituais para trinta, apesar de que, a enfermeira responsável pela Sala de Emergência havia dito a ele que, achava que, o paciente não sobreviveria até ele chegar.

E Margaret estava de plantão. Ela foi à única alguém, para apoiá-la, e ela sempre esconde seu medo atrás de um controle de ferro.

Mesmo sabendo que, Margaret era uma cirurgiã competente, e que iria manter a calma. Só o suor em sua sobrancelha insinuaria que ela não estava completamente confiante, totalmente no controle. Ele estaria suando também. Acelerando, Eli segurou o



17

Os **utilitários esportivos** (também conhecidos como **SUVs**, do inglês: "*Sport Utility Vehicles*") são veículos fabricados a partir de chassis de caminhonetes. Inicialmente os SUVs foram veículos de passeio descendentes de veículos militares da Segunda Guerra Mundial e durante muitos anos foram populares em áreas rurais devido a altura e a tração 4x4 sendo a Jeep e a Land Rover as marcas que tradicionalmente melhor expressam esses tipos de carro.

volante, assistiu o velocímetro ir até cem, então voltar para oitenta e cinco. Ele não faria a Margaret ou ao paciente qualquer bem se ele se matasse. — Chame a cirurgia — ele disse quando tirou a roupa e dirigiu-se ao hospital.

— Aqui é o Dr. Calhoun. Eu estarei no hospital em menos de cinco minutos — ele disse quando o supervisor da noite veio na linha.



Margaret podia fazer isto. Ela tinha que fazer. Onde estava Eli? O supervisor falou que ele estava a caminho. E onde estava a enfermeira? Margaret piscou.

— Limpar! — ela estalou quando o suor rolou de sua testa em seus olhos. — Eu preciso de mais retração — ela podia apenas ver o corte no pericárdio pelo rápido escurecimento do charco de sangue obscurecendo o campo de operação, não podia dizer a que distância a bala tinha sido sugada para o coração da vítima. Não ajudava na sua concentração, escutar o chefe de cirurgia ortopédica, Kurt Silverman, dar instruções a seu residente, que estava desesperadamente, tentando ajudar a conter a forte hemorragia da artéria rompida no fêmur do paciente.

— Parada cardíaca! — a voz do anestesista levou ao terror habitual que acompanhou tais crises não planejadas na cirurgia.

Ambas as equipes afastaram-se da mesa. Margaret agarrou o desfibrilador¹⁸, quando Eli se aproximou. — Calma lá. Eu faço isto. Afastem-se! — uma vez, duas vezes, três vezes, ele chocou o coração do paciente. Nada.

Ele veio. Ela sabia de alguma maneira, que ele viria. Sua presença servia para diminuir a velocidade de sua pulsação, embora sua respiração se tornasse tão irregular quanto à leitura do monitor cardíaco tinha estado antes. Ela olhou fixamente abaixo no homem agonizante, assistiu seu corpo estremecer com cada solavanco de eletricidade.

¹⁸ A **desfibrilação** é a aplicação de uma corrente elétrica em um paciente, através de um **desfibrilador**, um equipamento eletrônico cuja função é reverter um quadro de fibrilação auricular ou ventricular. A reversão ou *cardioversão* se dá mediante a aplicação de descargas elétricas no paciente, graduadas de acordo com a necessidade. Os choques elétricos em geral são aplicados diretamente ou por meio de eletrodos (Placas metálicas, ou apliques condutivos que variam de tamanho e área conforme a necessidade) colocados na parede torácica.

Eu o matei. Tão certo, como se eu fosse, a pessoa que pôs aquela bala em sua caixa torácica.

Ela se perguntava se seu colega residente sentiu a mesma culpa avassaladora que fluiu por ela. Provavelmente não. Afinal, Tim era do sexo masculino e estava prestes a terminar sua residência de ortopedia. Além disso, ele estava ocupado segurando um torniquete na coxa do paciente enquanto ela estava sem fazer nada além de assistir a cena trágica.

— O fluxo de sangue está diminuindo a velocidade. — o Dr. Silverman disse, seu tom sério.

— Eu sei — Eli agitou a cabeça, dando um passo para trás da mesa. — Ele se foi — Com uma carranca derrotada em seu rosto asperamente bonito, ele seguiu o Dr. Silverman fora da sala, deixando Margaret suturando o ferimento aberto do tórax, enquanto, Tim fechava a perna. Não havia necessidade de delicadeza agora. Este cadáver, vítima de um tiroteio, se dirigia para a mesa de autópsia.

— Hora da morte, onze e quarenta e um, da noite — Disse o anestesista, seu olhar no relógio branco pendurado numa parede de azulejo verde pálido. —Sinto muito, por isso. Caramba, mas todos fizeram seu melhor.

Entorpecida, Margaret seguiu Tim, deixando o pessoal da enfermagem para terminar de preparar o corpo para o necrotério.

Mecanicamente, ela desnudou-se de seu sangrento jaleco, tomou uma ducha e vestiu-se. Ela começou a colocar um jaleco novo, mas mudou de idéia. As rondas podiam esperar até amanhã. Por hoje à noite pelo menos, ela teve suficiente dos hospitais e morte.

Vamos, Margaret. Você fez o melhor.

Seu melhor não tinha sido bom o suficiente. —Você poderia tê-lo salvo se estivesse aqui antes — Ela disse a Eli, quando eles, praticamente, colidiram alguns minutos mais tarde na sala dos cirurgiões. — Não, que eu, me ressinto de você ter uma noite de folga, de vez em quando — a última coisa que ela queria era por a culpa nele quando era tudo culpa dela.

— Eu duvido disto. Você não fez nada errado. Ele estava muito mal. Vamos. Eu comprarei uma bebida para você. Você parece como se precisasse de uma — Eli girou para o Dr. Silverman. — Kurt, você quer juntar-se a nós?

— Obrigado, mas eu preciso ir para casa. Shelly, por alguma razão, espera que eu troque as faldas de vez em quando — Isso não surpreendeu Margaret. Todo mundo no hospital conhecia a história de como o famoso viciado em trabalho tinha se mudado, uma vez que, ele tinha casado com sua amiga de longo tempo. Shelly Ware era uma fisioterapeuta que renunciou a profissão alguns anos atrás para ser mãe em tempo integral para seu filho, os gêmeos e a menina que nasceu no último mês.

Margaret precisava mais do que uma bebida. — Certo — Ela precisava. Enquanto ela não tinha vontade de lembrar os acontecimentos, ela seriamente podia tomar uma bebida e passar algum tempo com Eli. Embora ele fosse tecnicamente seu chefe, ele também era um amigo. Não deixando de mencionar que era um animal quente, do sexo masculino, e fazia o sangue dela ferver como ninguém fazia há muito tempo, desde que Dale, seu velho Mestre, mudou a sede da companhia de construção para Houston. Desde aquele beijo um mês atrás, ela não pensou muito em Dale. Era o rosto de Eli, que ela via, em seus sonhos, e era o gosto de seus lábios, que pairava sobre os dela.

Ela ainda ficava quente e fraca, quando ela recordava aquele beijo, a força e vitalidade de seu corpo grande, fortemente musculoso. Ao contrário da maioria dos homens com quem ela já saiu desde que rompeu com Dale, um ano antes, Eli poderia ser capaz de fazê-la gozar. A excitação aumentava nela quando ela revivia aquele beijo, imaginando uma repetição do mesmo e muito mais. Claro, ela podia estar só enganando a si mesma, por causa da tensão e fluxo pós-adrenalina da cirurgia. Quantas vezes ela tinha ficado desapontada ao perceber, de uma vez por todas, que ela precisava de um Dom para ter uma liberação completa?

Ainda assim, ela não podia impedir a excitação de aumentar nela quando viu Eli assinar para eles saírem. Ela observou o conjunto teimoso de sua mandíbula, os ombros volumosos que ela imaginava poderem, não só, levar seus fardos, mas os dela também.



Ele a levaria do hospital para o salão, com sua música sensual. O mesmo lugar onde ela o beijou. Eles dançariam novamente, e se ele tivesse sorte, ela o beijaria, novamente, do modo que ela fez antes. Desta vez, talvez, ele a convidasse para sua casa, para controlá-la e dar-lhe prazer... mas caramba, ele queria controlá-la. Por que, ele não mostrava a ela, o que realmente era, e via se ela podia lidar com isto?

Ele soube por que. Porque pela primeira vez em muito tempo, isto não importava. Margaret significava algo, para seu coração, como também para sua libido. Ele tomaria isto lentamente, ainda que o matasse. — Deixe seu carro aqui. Você irá comigo, e posteriormente eu te levarei para casa.

— Certo.

Ela não pareceu preocupada sobre como ela chegaria para trabalhar de manhã. Em vez disso, ela sorriu para ele, depois de se instalar no assento de passageiro do SUV, o que, ele tomou como consentimento silencioso para seu plano de sedução. — Você precisa de alguma paz e tranquilidade depois de um dia infernal, não é? — ele lembrou a primeira vez que ele teve que abrir o tórax do paciente sem o sentimento confortante de que existiria um residente chefe ou cirurgião torácico para apoiá-lo. Margaret dever ter estado, pelo menos, não tão apavorada quanto ele esteve em sua época.

— O gato comeu sua língua?

Ela girou para ele, seus lábios se abrindo parecendo um arremedo de sorriso. — Acho que sim. Aquele pobre homem. Eu ainda digo que você teria aberto seu tórax mais rápido. Como Jerry, também, teria. Qualquer um de vocês podiam ter-lhe salvado a vida.

— Duvido. O que você está sentindo agora é reflexo por ser chamada para iniciar um caso de emergência séria porque seu chefe residente estava de férias e eu não estava perto o suficiente para chegar lá, imediatamente. Vá com calma. Você é boa. Boa o suficiente, para eu confiar em você, para operar minha mãe.

— Obrigada, eu acho — ele amava sua voz suave e certa, uma mistura de confiança e feminilidade. Nem mesmo as roupas folgadas, que ela estava usando,

conseguiram mascarar o fato de que, ela era extremamente feminina. Quando ele parou no estacionamento, atrás do salão, ele encontrou-se, imaginando-a, em nada méis que, em seda e renda. Ele tentou evocar a imagem mental dela em um bustiê de couro preto como aqueles que ele associou com as Dommes¹⁹ com quem ele jogava, ocasionalmente, no clube. A imagem não se encaixava, além buraco do piercing, que ela mantinha aberto com um disco moderado, que insinuava que ela poderia ter flertado em algum momento com o estilo de vida BDSM. Não que, muitas pessoas, nestes dias, não perfuraram partes diferentes do corpo, além de suas orelhas, mas Margaret não parecia o tipo que já usou o visual gótico.

Depois que ele a ajudou a sair do carro, Eli colocou uma mão na parte inferior das costas dela e sentiu a tensão lá. Ela sempre escondeu aquela tensão debaixo de um firme controle exterior imperturbável. Ele afastou seu desejo, e pensou em quantas mulheres, em carreiras exigentes, nutriram as almas de desesperadas submissas no quarto. Ele teve um pressentimento de que Margaret poderia ser uma daquelas mulheres, que precisavam ser dirigidas para que renunciarem o controle em suas vidas privadas, para alcançar equilíbrio, com a coleira apertada que tiveram para manter suas emoções, para terem sucesso em suas carreiras. Se ele estivesse certo, então, Maggie poderia ser a sub²⁰ de seus sonhos.

Ela não podia nem conhecer sua mentalidade sexual, mas talvez ele pudesse ser a pessoa que a abria a isto. Uma sub, além de suas fantasias mais selvagens, a luxúria andava de mãos dadas com a preferência e o respeito profissional.

Sob seu toque, ele sentiu seu suspiro, ouviu o som áspero da respiração dela. — Relaxe, Maggie — murmurou. — Se você não fizer isso, você vai desmoronar.

— Eu sei — sua voz era baixa, necessitada.

— Deixe a Dra. Berman no hospital e seja só Maggie — o som jovial do jazz, ao vivo de um pianista, chegou a eles quando Eli abriu a porta e esperou ela entrar.

¹⁹ Dominadoras.

²⁰ Abreviatura de Submissa.



Eli era grande, sua mão parecia morna, protetora enquanto eles cruzaram a pista em direção a uma mesa para dois, no canto do salão. Algum sexto sentido feminino disse a Margaret que ele não seria um fracasso na cama, como seu último namorado tinha sido. Infelizmente, o advogado civilista, bem sucedido, quase a convenceu que ela precisava mais do que algum homem atraente, para achar satisfação. Ele não a satisfazia na cama, tampouco, entretanto, ele se importou.

Frígida. Rainha de gelo. Suas palavras de despedida reverberavam na cabeça dela, como uma advertência silenciosa de que ela estaria conseguindo o mesmo tipo de frustração e rejeição se ela começasse uma relação com outro herói de baunilha.

Ela quis, no momento, dizer ao sujeito que ele estava errado, insultá-lo com histórias de como ela foi selvagem com outros Doms de arestas duras, amantes que ela dificilmente podia arrastar com ela nas funções sociais do hospital.

Teria sido inútil. O advogado não teria entendido por que ela precisava que ele tomasse o controle de seu corpo e ainda permitisse a ela a liberdade para exercer controle sobre sua própria vida profissional. Além disso, ele não tinha sido um homem dominante. Se ela tivesse expressado suas necessidades para ele, ele a teria etiquetado como algum tipo de pervertida.

Eli iria também? Quando se conheceram ela fantasiou sobre o grande cirurgião musculoso ser um Dom, mas ele, nunca, deu-lhe quaisquer sinais evidentes. Finalmente ela decidiu que seu palpite estava errado. Eli era um mentor, amigo e nada mais. Ainda assim, quando ele pôs uma mão em sua coxa, ela não pode deixar de imaginar...

Ele despindo-a e deixando-a nua na sala de cirurgia. Usando alguns rolos de gaze para prender seus braços. Deixando-a impotente para seu ataque sensual. Seus mamilos formigaram quando ele curvou a cabeça escura.

Deus, só de pensar nele fazendo-a ceder à sua vontade e a seus próprios desejos fez seus sucros começarem a fluir. Eli Calhoun era um bom homem, um que ela podia

muito facilmente amar. Se ele provasse ser, metade dominante, no quarto como ele era na sala de cirurgia.

— Vamos, Maggie — disse ele, sua expressão feroz. — Você precisa aprender a confiar, que, fez tudo que podia. Caso contrário, você ficará louca. Eu sei.

Margaret piscou, esperando que suas bochechas não demonstrassem como ela se sentia. — Eu estou bem. Eu só estava pensando.

— Você está, ainda, preocupado sobre o caso? Não fique. Ninguém podia ter salvado ele. Não com ele tendo uma bala alojada em seu coração e outra que arruinou sua artéria femoral. Foi um milagre ele ter durado, o tempo suficiente, para levá-lo para cirurgia — Eli inclinou a cabeça para trás, olhando-a no olho. — Você está a caminho de se tornar uma das melhores cirurgiãs de traumas torácicos, por aqui. Não duvide disso nem por um minuto.

Se apenas. Se ela, apenas tivesse pensado sobre negócios, e não sobre como seria ter suas grandes mãos de dedos longos, roçando rapidamente acima de seus lugares mais necessitados... ou como ele a faria perder as fortes inibições, as quais precisariam superar. Ele liberaria a necessidade reprimida que se apoderou dela. — Eu não tentarei. Eu não estava me lembrando do caso, agora mesmo, entretanto — disse ela, forçando um sorriso e erguendo a congelada margarita²¹, que o garçom tinha deslizado na frente dela, removendo o copo vazio ao mesmo tempo.

Quando ela terminou sua bebida, Eli bebeu seu copo de uísque. — Devemos dançar?

O estômago de Margaret, já assaltado por aquelas margaritas, rebelou-se com a idéia de balançar ao ritmo incrivelmente sensual que o pianista acabava de começar. — Eu não penso que eu queira dançar, mas eu podia tomar algum.... — ela não ousou dizer a ele o que ela realmente precisava. — Café.

²¹ A **Margarita** é um coquetel feito com tequila, sal, suco de limão e licor de laranja (Cointreau).

Preparo

Molhe a boca do copo para coquetel com suco de limão, faça uma roda de sal em um prato e encoste no sal para formar uma borda. Junte em uma coqueteleira a tequila, o Cointreau, o suco de limão, e uma xícara de cubos de gelo. Misture bem ecoe sobre o copo.

— O que você precisa é deixar toda a frustração de lado. Eu vejo isto em seu rosto, no conjunto apertado de seus ombros. Venha agora. Solte-se para mim — ela estava imaginando coisas, ou sua voz assumiu um tom de comando?

Sua pele ficou quente, sua vagina contraiu-se, no pensamento de Eli assumir o comando, fazendo ela se submeter. Tinha passado muito tempo. Muito tempo. Desde o beijo compartilhado e ele insinuou de vez em quando. Muito sutilmente, tão sutilmente que ela disse a si mesma que era sua imaginação. Mas, ele gostaria de transar com ela. Ela respirou profundamente, juntando sua coragem. — Você tem algumas idéias sobre como eu poderia me soltar? — ela encontrou seu olhar, agarrando-se ao precipício, perguntando se ele saberia, se ele tinha o que ela precisava. Se sim, ele entenderia a pergunta.

—Na cama — ele falou, em um sussurro rouco e tomou sua mão, colocando-a sobre a protuberância de seu pênis meio duro e sorrindo. — Comigo — ele não podia ter sido mais específico que isto. Sem hesitar um momento, ele levantou a mão, e era como se ela estivesse assistindo-o levá-la a seu nariz, inalando seu odor como um perseguidor iria quando ele soube que ele prendeu sua presa.

Deus Santo, seria possível. Eli poderia ser um Dom, se ele praticou seu domínio sexual em um calabouço ou no isolamento de um quarto, atrás de portas fechadas. Ela soube, mesmo, debaixo de sua fachada, nos ombros largos e musculosos, na cintura estreita e no enorme e pulsante sexo embaixo de seus dedos.

Margaret não podia se ajudar com a idéia daqueles dentes diretamente, brancos mordiscando seus mamilos, e com o que seu bigode e cavanhaque pequenos faziam roçando contra sua pele tenra. Quando ela encontrou seu olhar atraente, ela viu a promessa, promessa que ela rezou para que, ele pudesse cumprir. O domínio.

Ela queria ser submetida por ele. Pelo menos neste momento, ela estava muito excitada com a ideia para pensar com clareza. Então, ela fechou sua mão, apertando-a ao redor de seu pênis latejante. Fantasiando, sobre como ele pareceria nu, ela decidiu que, ele tinha tudo o que ela precisava para transformá-la em uma impotente submissa, para uma apresentação erótica.

Por que ela não deu mais atenção quando ele apresentou-se para ela no início do último verão, no seu primeiro dia na SO como seu superior? Se ela tivesse, ela percebia agora, teria visto todos os sinais de um Dom. A aura de autoconfiança suprema, seu gosto pelo controle benevolente, agarrava-se aos seus ombros como um manto. Ela devia ter sabido, em vez de, lê-lo como igual à maioria dos cirurgiões, talvez um pouco mais, por causa de seu tamanho impressionante.

Seu aperto de retaliação, em sua coxa e o olhar desafiador em seus olhos assegurou-a de que ele soube o que ela queria. E que, ele estava mais que pronto para entregá-lo. Se ela fosse sortuda, ela poderia ter achado um Dom verdadeiro procurando por uma nova sub. Quando Margaret imaginou Eli a prendendo a seu colchão com seus braços fortes, fazendo-a tomar seu membro quente na boca, ela molhou a calcinha. Ele iria transar com ela até ela implorar por clemência. E então, ele iria transar com ela um pouco mais.

Pela sensação dele através das calças, seu pênis era longo e espesso. Seu corpo inteiro formigou com o pensamento de tê-lo entrando em sua boca, o fluido espesso, escorregando abaixo em sua garganta. Ele deixando toda a reserva, gritando de satisfação. Ele estaria contente em gozar, uma vez que, ele a faça gozar. Ela soube isto. Ele tomaria o que ele procurava, e fazendo isto ele traria prazer para ela.

Sim. Eli podia satisfazê-la. Ela era confiante nisto. Mas, se ele fosse, verdadeiramente, o Dom que ela esteve buscando, ele iria roubar o autocontrole que ela trabalhou, tão duramente, para assumir e tomar sua mente como, também, seu corpo? Cada sub sabia deste perigo, que a necessidade de ser dominada podia facilmente destruir sua vida inteira, se seu companheiro provasse ser indigno de confiança.

Era parte do fio da navalha, o desejo que era muito forte para ser chamado de preferência. Mas Eli sempre tinha sido seu mentor, no centro de sua rede de apoio no hospital. E, francamente, neste momento, se era ou não a tensão de seu dia prejudicando seu julgamento, ela nem ligava. Não quando todas as células em seu corpo lhe pediam para que ela alcançasse e agarrasse aquele anel de metal de satisfação indescritível.

Mas ela não perdeu completamente sua mente. O manto de retenção própria, que ela adaptou, para sua imagem como uma cirurgiã respeitada, tinha sido muito duro de ganhar. Ela o levaria para casa, hoje à noite, veria se ele podia comandá-la, além de um dobrar de joelhos. Então, ela veria se valia à pena arriscar seu coração novamente.

— Vamos fazer isto — disse ela, dando a seu pênis um apertão que era quase lúdico, desafiando-o, enquanto, ela pôs suas proteções no lugar, novamente. *Faça seu pior, Eli. Impressiona-me. Deus, por favor, me impressione.*

CAPÍTULO 2

Eli mal podia acreditar em sua sorte. Apesar de ele nunca ter arriscar um pedido de assédio sexual a uma colega de trabalho, ele não hesitou em levar sobre ela, a oferta descarada. Não quando era o que ele queria, tanto quanto, ela.

Ele não estava prestes a perguntar o que tinha acontecido com ela. De nenhum modo, ele iria retirar seu convite, não quando seu corpo inteiro doía por reivindicá-la. Ela tinha estado tranquila no caminho para casa, para sua própria casa, não a dele. Ela insistiu nisto.

Ela estava tentando se esconder por trás da fachada legal, novamente. Ele podia dizer. Por isso, quando chegou a sua porta, ele silenciosamente estendeu a mão para sua chave, esperando para ver se ela daria para ele, dá-lhe aquela sensação de controle. Ela o fez, seus dedos roçando os dele, um toque quase escondido nas sombras, fazendo-o apertar sua mão na dela um minuto antes dele girar, pôr a chave em sua porta, e se afastar, assim, ela podia entrar primeiro.

Ele chocou-se, pois ela aparentemente, não fez nada para personalizar seu ambiente, este lugar não tinha nenhuma sugestão sobre quem e o que ela era. O mobiliário bege e preto poderia ter sido facilmente achado em um quarto de hotel, genericamente, decorado de três estrelas ou em uma das salas do hospital ou nas salas de espera. Ele até apostou que as poucas fotografias em seus porta-retratos de madeira pretos vieram com o lugar. Nada refletiu o gosto de Margaret, isto ele sabia. O apartamento pareceu, condenadamente, frio. E muito organizado para ser confortável. Como se Margaret não ficasse ali, ou como ele pensou, que ela era antes daquele beijo...

Eli teve um desejo inexplicável para colocar o lugar no lixo, da mesma maneira que ele quis quebrar a reserva que Margaret sempre mostrou antes daquela noite quando ela o beijou na pista de dança. Aqueceu-a e destruiu sua imagem de calma.

Mas não existiu nada, remotamente, frio ou recolhido sobre o modo que ela acariciou seu pênis debaixo da mesa, no bar hoje à noite. Ela o mostrou os vislumbres da criatura sensual, que ele suspeitou estar escondida debaixo da superfície frágil e controlada que ele tentaria de toda forma quebrar.

—Este lugar me lembra a sala de cirurgia. Como você aguenta isto? — ele perguntou, mentalmente comparando o lugar com seu próprio condomínio, que ele decorou em cores vívidas, com um olho em direção ao conforto. Ele viveu em quartos de oficiais solteiros, por muito tempo, e agora quis um pouco de conforto em sua vida, uma vez que, ele teve uma escolha.

Ela encolheu os ombros. — Este é o modo que estava quando eu aluguei. Certos capatazes mantêm seus residentes muito ocupados no hospital, para se preocuparem muito sobre seus ambientes, durante as poucas horas que eles têm em casa. Vamos. O mais convidativo é o quarto.

Era, mas só porque ela estava nisto. Seu movimento deliberado quando ela tirou seu moletom chamou-lhe a atenção para os pequenos mamilos duros, esboçados contra a seda verde claro de seu sutiã, e quando ela abaixou as calças ele pegou um vislumbre de uma sombra escura no ápice de suas coxas, em baixo de uma tanga rendilhada.

Ele notou um tremor leve em suas mãos normalmente estáveis quando ela enganchou seus dedos polegares naquela quente roupa íntima. — Você é bonita. Não seja tímida. Seu porte aparentemente se restabeleceu e ela desenganchou o sutiã e deixou oscilar entre seus dedos depois de sair do fio dental.

Desnudando-se para sexo. Ela fez isto, metodicamente, com uma falta singular de paixão que transtornou Eli. Ela estava tentando dizer a ele que ela queria gozar, mas não planejou arriscar suas emoções no processo?

Normalmente ele não ligava. Mas geralmente, seus sentimentos por suas parceiras sexuais eram, puramente, físicos. Com Maggie, a luxúria estava misturada com amizade e respeito pela doutora atenciosa e pelo ser humano, que ela era. Maldição, ele não deixaria ela se retirar emocionalmente. Ela não era só outra transa, e ele não iria deixá-la usá-lo só

para arranhar a coceira entre suas pernas. Ele quis mais. Muito mais. E ele não estava disposto a deixá-la negá-lo. — Olhe para mim, Maggie.

Quando ela fez, ele leu hesitação, talvez até um pouco de medo em sua expressão. Desejo brilhou em seus olhos, entretanto. — Sou eu quem você quer, ou qualquer pênis duro servirá?

— Eu quero você. Por favor — estava lá. Ela teve isto estrangulado atrás de um baixo tom, mas ele sentiu isto. Ele não podia tê-la lido errado. Ele tinha feito isto há muito tempo, embora em alguns aspectos, era à primeira vez. Ele não podia recordar-se de ter querido, tanto, uma mulher como ele a queria, ou a necessidade de fazer este trabalho que ele sentiu que os dois precisavam. Ele devia arriscar isto? Ele estava lendo isto direito, que ela queria que ele a dominasse?

Suas bolas estavam para estourar. Seus seios eram maduros e cheios o suficiente para encher suas mãos. O modo como os mamilos enrugaram, com estimulação, fez a boca de Eli secar com a necessidade de prová-los. Deus, mas ela tomou-lhe o fôlego. O sangue foi em direção a seu pênis tão rápido que o deixou ofegante.

Ele não podia deixar de imaginar suas firmes coxas esbeltas embalando seu rosto enquanto ele fartou-se no abrigo úmido e morno de sua nitidamente aparada vagina. Ela teve que ser ciente do retrato erótico que ela fazia, mas ela ainda estava lá. Ainda assim, demonstrava um tremor minúsculo em suas mãos, mordiscando seu lábio inferior. Ela não estava tão calma e serena quanto ela aparentemente queria, que ele pensasse, mas ela estava, obviamente, determinada a esperar e deixar que ele fizesse o primeiro movimento.

Ele romperia aquela reserva. Ele colocaria seus dedos em seus cachos castanho-avermelhados úmidos aparados e ele a tomaria em sua boca e a foderia com a língua até ela implorar por clemência, então agarraria suas mechas de cabelo e arrastaria sua cheia e convidativa boca abaixo em seu pênis dolorido.

Deus, ela era uma beleza, uma deusa nua, que, ele tinha que admirar da cabeça aos pés. Se sua mãe não o tivesse ensinado que um homem tinha que agir como um cavalheiro ao redor de uma senhora ele a teria agarrado, forçado-a, e então, não lhe daria

mais esse controle, fazendo-a aderir ao seu domínio, emocionalmente, como também, fisicamente.

Ela tinha sobrancelhas delicadas sobre seus grandes olhos verdes de gato. Um modesto nariz resultado de uma rinoplastia danada de boa a menos que ele errou em sua suposição. Se ela estava usando algum tipo de maquilagem, ele não podia dizer. A coluna de sua garganta pareceu ter sido feita para beijar. Ele gostou de seu corpo, esbelto e atlético, mas com total surpresa, seios cheios e firmes.

Sua pálida e cremosa pele tinha algumas sardas, mal perceptíveis, pontilhando seus ombros e braços, que fizeram seus dedos coçarem para tocá-las.

Ele gostava de suas conchas raspadas, e a sua não era. Os cachos de mogno nitidamente aparados atraíram seu olhar, entretanto, eles pareceram tão suaves. Seu pênis se contraiu, quando ele imaginou-a segurando seu rosto em sua vagina, deixando-o cativo lá, enquanto, ele mordiscava o clitóris dela. Suas bolas apertaram quase dolorosamente.

Entretanto ela não se moveu. Isso o enervou. Caramba, ele acharia um caminho para derrubar o autocontrole assustador dela. Fazê-la gozar. Ele a faria vir, não uma vez, mas repetidamente, e ele iria fazer cair por terra às defesas que ele sentiu que ela, deliberadamente, ergueria ao redor dela.

— Você gosta do que você vê? — ela perguntou seu tom carregando diversão fresca.

Maldição. Ele estava olhando fixamente para sua vagina como um sujeito que tinha estado preso por anos.

— Sim. Eu gosto muito disto. Agora é a minha vez? — ele visualmente olhou seu corpo nu, mais uma vez, antes de começar a tirar as próprias roupas, lançando o jaleco e a camisa negligentemente para o chão. Arreliando ela, assistindo-a com seus olhos brilhantes de antecipação enquanto ele se descobria, ele fez uma produção desnecessariamente complexa de desatar o nó em sua calça e deixou-as cair a seus pés.

— Quer ver o resto? — brevemente ele se preocupou que seu piercing pudesse afastá-la.

— Não seja tímido agora — ela encontrou seu olhar, o seu próprio cheio de desafio.

Margaret soltou um pequeno gemido quando ele empurrou sua boxer²² para baixo ao redor de seus tornozelos. Os olhos dela se arregalaram e a boca se abriu, mas ela não disse uma palavra.

— Bem, doutora. Eu nunca imaginei que a visão de um homem nu, que não estivesse amarrado em uma maca, causaria uma reação tão chocada. Se eu soubesse, eu teria me despido para você há muito tempo.

— Talvez você devesse ter feito — Margaret não podia tirar seu olhar dele. O homem era bonito, ombros largos e tórax definido, seus músculos bem desenvolvidos, uma lembrança de que ela ouviu que ele era um fisiculturista ávido. Seu olhar se fixou em um brilhante, e robusto piercing de ouro, que ia de um lado a outro da cabeça de seu pênis longo e espesso. Um pênis completamente excitado, sua cabeça parecendo uma ameixa, quase, encostava contra sua barriga esticada, bronzeada. O piercing era um Ampallang²³, usado para realçar a experiência sexual.

Ela quis saborear a gota de lubrificação reunida na fenda, na cabeça de seu pênis e afagar os testículos grandes, que estavam contra seu corpo. Ela queria provar cada polegada dele, correr as mãos sobre seu torso duro. Ela gostava que ele não tivesse muitos pêlos, para arruinar seu corpo profundamente bronzeado, com exceção do sedoso cabelo preto em sua cabeça, sobrancelhas e cílios, seu bigode nitidamente aparado e cavanhaque, e claro, o ninho suave, escuro que rodeava o sexo dele. Só de olhar para ele fazia sua vagina emitir fumaça.

No salão quando ele tomou o controle e pôs a mão dela em seu pênis e deu a ela aquele olhar, ela tinha certeza que estava lidando com um Dom. Mas seu coração afundou, um pouco, quando ela tirou suas roupas, sentindo sua habitual blindagem no



22

²³ Ampallang – é um piercing que é colocado horizontalmente por meio de uma perfuração na glândula do pênis. Esta perfuração, uma vez curada, é extremamente prazerosa ao portador porque estimula os tecidos internos do pênis. Pode sexualmente estimular a parceira de recepção durante o intercursos sexual, geralmente devido à estimulação do Ponto G.

lugar. Ele somente olhou para ela, como se ele não estava certo o que fazer sobre sua distância súbita.

Derrube isto. Faça-me sua. Se ele fosse um Dom verdadeiro, ele devia ter podido ver como ela estava presa dentro de si mesma. Ele devia ter sabido que ela precisava de seu controle para se libertar, se deixar levar. Não, ela não estava sendo justa ou racional, não estes dias quando Oprah²⁴ e Dr. Phil²⁵ disseram que uma mulher tinha que conversar sobre seus sentimentos. Mas esta era ela. O que ela precisava. Ela queria que ele se conectasse com ela em um nível primitivo, muito abaixo do civilizado, e soubesse o que ela queria sem ela ter dizer uma palavra.

Então, ele trouxe a esperança de volta à vida com tanta pressa que ela balançou seus joelhos que de repente, ficaram fracos. — Se sente na extremidade da cama — seu tom duro era uma ordem, não um pedido.

Oh meu Deus. Ele *era* um Dom. Um no armário, talvez, mas ainda um Dom. Ela devia estar emocionada. Parte dela estava. Ela também devia estar apavorada, que ele quisesse estender seu domínio muito mais longe que o quarto. Estar emocionada serviria para o momento, entretanto.

A compreensão para o tom claro de comando em sua voz e olhando para seu sexo impressionante deixou-a muda, com antecipação ao prazer, que ela sentia que ele a entregaria. Sua carne estava quente, e a umidade gotejava entre suas pernas. Seus mamilos apertaram e vibraram.

— Eu disse para se '*sentar*'. Eu quero fazer você se sentir bem — repetiu ele, se aproximando, como se a hesitação dela estivesse testando sua paciência.

Margaret soube que ele a forçaria a renunciar o controle que ela lutou tanto para conseguir. Ela não podia pará-lo. A verdade era que, ela não queria detê-lo. Sim ela queria. Ela não ousava ceder. Mas ele deixava-a sem nenhuma escolha, porque, seu corpo gritava pelo toque dele, que ele a dominasse. Ela se sentou na beirada de sua cama de tamanho king-size, não se incomodando em afastar o edredom.

²⁴ **Oprah Gail Winfrey** é uma apresentadora de televisão e atriz estado-unidense, vencedora de múltiplos Emmys pelo seu programa *The Oprah Winfrey Show*, o entrevista com maior audiência da história da televisão estado-unidense.

²⁵ **Phil McGraw** é um psicólogo dos Estados Unidos da América que tornou-se conhecido do grande público ao participar nos programas da Oprah Winfrey como *consultor de comportamento e relações humanas*. É conhecido por **Dr Phil**.

— Deite-se. — Não esperando por sua resposta, ele ajoelhou e puxou suas pernas sobre seus ombros.

— Sim, Mestre — deve ter havido alguma parte dela, perversa o suficiente, para querer deixá-lo saber que ele achou uma sub, escondida, em seu corpo. Esta era a única explicação que ela podia apresentar para as palavras que acabaram de escapar de sua boca.

Sua expressão ficou, ainda, mais severa, como se o significado, do que ela chamou-o, só chegasse a ele, agora. Então, ele sorriu seu rosto uma máscara selvagem, não muito diferente de um grande gato. Perseguindo sua companheira. — Essa é uma boa escrava — disse, deslizando suas grandes mãos acima do seu torso, segurando seus seios e passando seus dedos polegares sobre os mamilos eretos antes de deslizar suas mãos para baixo entre suas pernas.

Sua vagina estava lamentando para ele a levar. Moldá-la a vontade dele. O hálito quente dele em sua vagina afixou a antecipação, a um passo da febre, e quando ele usou os dedos para abrir seus grandes lábios e tocar com a língua seu inchado clitóris, ela se tornou sua disposta escrava sexual.

Ele provou seu mel, com golpes longos e preguiçosos de língua ao longo de sua fenda, deixando-a louca para vir. Então ele abriu a boca sobre seu pulsante clitóris e chupou-o, beliscando o broto rígido com seus dentes quando ela enfiou seus dedos nos cabelo dele, segurando-o cativo lá. O gemido dele reverberou contra sua carne, a sensação incrivelmente excitante. Quase tão excitante quanto o cheiro almiscarado de sexo que os rodeava.

Encorajado, quando afundou dois dedos em sua ensopada vagina, e ela apertou mais duro sua cabeça, perfeitamente formada, construindo um túnel com seus dedos em seus pequenos cachos marrons, tão lisos comparados com a textura de suas bochechas, quando eles escovaram contra os lábios inchados. Mas ele só roçou seu clitóris com sua língua e chupou-o mais fundo em sua boca. Então ele soprou em seu clitóris, mais uma vez, e riu quando ela choramingou pelos sentimentos deliciosos que estavam se construindo dentro dela.

— Você gosta disso, não é? — os estrondos de suas palavras ricochetearam em sua carne sensibilizada. A tensão deliciosa acumulando-se, em sua barriga, seus mamilos e em sua inchada vagina.

— Oh, sim. Obrigada.

Ele olhou para ela, uma carranca em seu rosto áspero. Ele quis que ela dissesse isto. Se ela tinha dúvidas sobre ele ser um Dom verdadeiro, ele as afugentaria.

— Obrigada, Mestre — no momento ela queria. Não, ela precisava ser o brinquedo sexual de Eli.

— Você é bem-vinda — com seu olhar quente, fixo nela, ele lambeu a essência dela de seus lábios e queixo. Era o ato mais sensual que ela já testemunhou. Então, ainda focado no rosto dela, ele correu sua mão ao longo da fenda dela, imergindo um dedo em sua vagina, e então, mais abaixo, penetrando seu ânus. — Eu vou te penetrar aqui, também.

Seu pênis era muito grande. Ela seria dividida. — Não.

Ele deslizou seu dedo para o lado de dentro, apenas o suficiente para descansar contra seu esfíncter anal, apertado. — Eu serei sempre, muito, cuidadoso, Bebê. Relaxe. Você amará isto — levantando, ele se posicionou sobre ela na cama. — Saboreie a si mesma em minha boca.

Então ele a beijou, enchendo seus sentidos com o cheiro da essência, salgada e inebriante, de sua própria estimulação. Oh Deus. Lembrar a sensação deliciosa dele ajoelhando entre suas pernas, lambendo-a, chupando seu clitóris e explorando todos os orifícios que ele iria penetrar a fizeram, incrivelmente, necessitada. Ela estava frenética, com tesão, de um modo que ela não tinha estado, desde que, ela disse adeus para seu antigo Mestre.

Era loucura, ela pensar naquilo em uma questão de momentos, Eli percebeu que o único modo que ela podia vir era quando seu amante a fez impotente, também para resistir a seu comando? Mas não tinha sido só uma realização súbita. Ele vem trabalhando com ela por meses, e aparentemente ele estudou tudo sobre ela, pegando as coisas que ela nunca soube que revelava. Agora, como se provando isto, ele encontrou outra

necessidade, quando, ele emaranhou a língua com a dela, tomando sua respiração. Ele abaixou seu corpo sobre o dela, apertando-a no colchão, mostrando que ele podia controlá-la com nada mais que seu tamanho e força superiores. Seus mamilos pulsavam no contato com o duro tórax musculoso.

Maldição. Ele pareceu contente por brincar com ela, fazê-la tão quente que ela imploraria. Ela precisava de seu grande pênis em sua vagina, agora. Ela ansiava que ele a fizesse se submeter ao prazer. Esticando um braço, ela abriu a gaveta de sua escrivaninha.

Ela afastou seus lábios dos dele. — Por favor. Use o que você quiser — quando ele virou-se e viu sua seleção de brinquedos, Margaret tremeu em antecipação. Embora, alguns dos brinquedos trabalhassem bem, quando, ela teve que se satisfazer sozinha, outros tinham sido comprados para agradar seu antigo Mestre.

Afastando-se da gaveta, Eli levantou-se e foi para a extremidade da cama. — De joelhos, você pode me chupar enquanto eu escolho o que eu vou usar em você. Ávida para agradá-lo, e até mais ávida para saborear a cabeça perfurada de seu volumoso pênis, ela não desperdiçou nenhum tempo em concordar com sua ordem. Ajoelhando, ela correu a língua ao redor da cabeça de seu pênis, saboreando a lubrificação salgada, em sua ponta. Emaranhando os dedos em seu cabelo púbico, ela apertou os dedos em torno da espessura e apertou. Curiosa, ela lambeu o comprimento dele, então, usou a pontinha da língua para cutucar a ponta em forma de bola, da jóia, em seu pênis. — Role o piercing em sua língua. Mmmm. Mantenha isto. Na grande cabeça. Continue. Aperte minhas bolas, também. Rápido. Não queira fazer-me vir, muito em breve. E feche seus olhos. Eu quero surpreender você com minha escolha de brinquedos.

Ela fechou-os. Antecipando os brinquedos que ele escolheria, ela se afundou ainda mais sobre seu pênis, levando-o ao fundo da garganta, e afogando-se nos sentidos que, de repente, aumentaram, agora que, ela foi destituída da visão. Ele era liso, sedoso contra sua língua, uma veia pulsando, seus testículos que se apertaram, quando ela os tocou e usou a língua, para explorar seu piercing, e seus dentes para pegar a bola redonda morna e torcer isto. Isto produziu um grunhido gutural.

Será que ele ia querer restringir suas mãos, ou ele preferia ela livre para acariciar-lhe do modo que ela estava fazendo agora? Seu rosto ficou quente quando ela pensou sobre a seleção de vibradores que ela colecionava, e um par de braçadeiras ornamentadas que fez seus mamilos formigarem, no mero pensamento, de que ele poderia querer usá-las. Ela saberia em breve porque a gaveta fechou com um baque, e ela sentiu o colchão agitar, um pouco, quando ele jogou alguns artigos na cama.

Ele estava perto de vir. Ela podia dizer pela maré de lubrificação salgada que escoava da fenda em seu pênis. Ela foi o soltando, lentamente. Então, ela respirou fundo e tomou seu pênis tão longe em sua garganta, quanto ela podia. Deus, ela queria que ele gozasse. Ela quis servir a seu prazer, ter o seu próprio realçando o dele. Quando ele a ergueu, ela desejou que ela ousasse protestar.

— Eu gosto de sua escolha de brinquedos. Rasteje sobre a cama e deite-se de barriga para baixo. Sua palavra segura²⁶ é ‘tatu’.

Seu toque era gentil, calmante, mas nunca tão excitante quando ele ergueu-a e enfiou um travesseiro embaixo de seus quadris. — Dê-me suas mãos agora — disse, e quando ela fez isso, ele embrulhou as restrições de velcro ao redor de cada pulso dela e colocou o outro lado grudado na cabeceira da cama. — Está certo. Agora, seus tornozelos — com facilidade, ele pegou um tornozelo de cada vez e a amarrou-os, abertos, para o estribo de sua cama de ferro antiga.

Sim, ela pensou com uma mistura de alívio e medo. Ele era um bom Dom, um que soube como tomar seu tempo e aumentar seu desejo para levá-la a um estado febril, anulando sua própria sensação de urgência, não permitindo a ela definir a velocidade. Depois de amarrar a corda em seu tornozelo direito, ele lambeu, beijou e beliscou o caminho de sua perna para sua ensopada vagina. Ela deitou-se, contorcendo-se, a beira de gozar, sua vagina e ânus expostos para seu olhar, suas mãos e sua boca.

²⁶ *SAFEWOED* (palavra de segurança) é usada, geralmente, para que o limite pessoal de cada um não seja ultrapassado, apesar de pedir para o dominador parar não adianta, pois faz parte, para esse fim é utilizada a *SAFEWORD* (palavra de segurança) que é pré-estabelecida entre as parte.

Ela sentiu-se totalmente e deliciosamente impotente quando Eli ajoelhou-se entre suas pernas e esfregou seu pênis contra sua ensopada racha. — O que você quer Maggie?

— Quero?

— Você quer que eu tome você deste modo? Com você amarrada e incapaz de resistir?

— Por favor, Mestre. Transe comigo. Transe até eu dar-lhe prazer. — em todos os lugares onde ele a tocou, sua pele formigava. Com cada roçar do pênis duro contra sua inchada vagina, ela queria gritar para ele levá-la e acabar com a falta que estava roubando sua sanidade mental.

Ela renunciou aquela sanidade, de boa vontade, ávida para experimentar as sensações sedutoras. Sua respiração quente e úmida em sua bochecha e pescoço, as cócegas que ele causou mordiscando um caminho em suas costas. Sua barba incipiente de final de noite passando por sua pele, lembrando-a da masculinidade dele, e do controle que ele mostrava sobre todas as suas emoções e cada sensação. As sensações levaram seu fôlego e deixaram-na, mais quente, com todas as mordidas brincalhonas e com cada golpe de língua, quando ele se moveu para suas nádegas, os seus dedos longos de cirurgião, explorando, enquanto eles seguiram a trilha que ele traçou com sua boca.

— Ah sim, Mestre — ela amou seu toque gentil, ainda, indiscutivelmente, no controle. Por um momento, quando, seus mamilos protestaram seu isolamento, ela lamentou por ele tê-la prendido deste modo, com ele inacessível para suas mãos e boca, enquanto, ele estava meio sentado e meio deitado entre suas pernas estendidas.

Ele levantou e esfregou a cabeça do pênis duro, junto a sua fenda inchada. Conforme ele inclinou-se para frente, sua respiração acariciava sua espinha e o grunhindo de suas palavras, só fizeram-na estremecer. — Ninguém jamais saberia que você era uma sub, Maggie, exceto o homem certo para dominar você. Eu estive esperando e querendo, isto, por meses. Maldição. Eu quase tomei você à noite que eu senti o piercing em sua língua.

— Você se importa?

Ele riu alto. — Dificilmente. Você é perfeita para mim. Eu estou considerando prender você em meu calabouço privado e deixá-la ver o que é ser minha escrava — Quando ela choramingou, erguendo seus quadris para roçar contra sua barriga dura, ele a provocou com a ponta da língua. — Você gosta desta idéia, não é? Agora, relaxe e aprecie o passeio — movendo-se para um lado, ele deixou sua vagina nua.

Mas só por um momento. Alguma coisa fria, molhada e rígida deslizou onde seu pênis tinha estado descansando, em sua entrada traseira. Ela estremeceu, lutando contra as amarras, quando, ela percebeu o que ele tinha em mente.

— Fácil agora. Eu vou tomar seu traseiro, mas não ainda. Não, até que você esteja estirada o suficiente assim eu não te machucarei. Você sentirá meu pênis aqui, mas será muito melhor.

Seu esfíncter anal cerrou-se, então cedeu à pressão inflexível de um plug em gel²⁷. A sensação era de que, devia ser o menor dos três, que ela tinha. Ainda assim, tinha passado um longo tempo desde que ela tomou parte em um jogo anal. À dor irradiou, mas como ela aprendeu há muito tempo, ela rapidamente deu lugar a uma sensação de plenitude, e um calor que irradiava para sua vagina e seu útero. — Isso dói muito. É tão bom. Por favor, não pare — ela estava perto, tão perto.

Ele retirou o plug e inseriu um maior, em seu lugar. — Eu não pretendo parar. Não até que você venha. Sua vagina já está quente, molhada e inchada. Depois que eu transar com você, vou lambe cada gota desse doce mel.

Seu pênis pulsava contra sua coxa. Deus, ela o queria penetrando sua vagina. Seu traseiro. Qualquer lugar que, lhe desse prazer, e a levasse ao ápice do prazer.

— Por favor — implorou, odiando-se por lamentar, e ainda, precisando dele agora. Ele, não o brinquedo embutido em seu traseiro. Seu clitóris pulsava e sua vagina jorrava lubrificação. Ela nunca precisou do pênis de um homem, tanto.



Ele deve ter percebido que ela estava sofrendo, com a necessidade, porque ele trabalhou o plug maior, em seu ânus, todo até que só a borda. Então, ele se moveu, se esticando ao lado de seu corpo de bruços. Seu pênis pulsava contra a entrada de sua inchada vagina.

Ela tentou se mover, mas, não podia. — Por favor, Mestre. Penetre-me agora.

— Peça bem, me diga quanto você quer meu pênis em sua apertada e molhada vagina — quando ele achou seu clitóris e beliscou-o entre os dois dedos, ela soltou um pequeno gemido. — Peça-me.

— Por favor, ponha seu pênis em minha vagina. Por favor, penetre-me — Deus, já se passou tanto tempo. Se, somente, ela pudesse se mover, ela o chuparia dentro dela, acabaria com esta saudade que praticamente a manteve descuidada. Ela não podia, entretanto, e ela amou isto. Amou ele tomando o controle. Total controle sobre ela.

— Só um segundo. Deixe-me colocar este preservativo. Levantando-se em um cotovelo, ele pôs isto. Então, ele agarrou seus quadris e entrou nela, polegada por polegada deliciosa, até que ela o sentiu se apertando contra seu núcleo. O grande pênis pulsou contra suas paredes vaginais, quente e liso, com seus sucos e os dele, Ela nunca pareceu tão cheia.

Lentamente, muito lentamente, ele começou a se mover enquanto ela estirou-se para aceitar seu comprimento total, polegada por polegada deliciosa. Ele era tão grande e tão duro, e ele soube como se mover para trazer o maior prazer para os dois. A pressão aumentou em sua vagina e em sua barriga. Ela estava prestes a gozar, mas ela não queria o fim. Não ainda. — Oh, sim. Penetre-me mais duro. Por favor, Mestre.

— Sim, de fato — sua respiração tornou-se áspera, quando, ele bombeou nela, mais fundo a cada impulso. Com o pênis pressionando contra a abertura de seu útero, e seus testículos pesados batendo contra seu clitóris, com cada entrada dele. Pareceu tão bom. Tão cheia, quando ele preenchia o caminho para sua vagina com seu pênis.

O peito dele estava quente e sedoso contra suas costas, quando, ele se inclinou sobre as dela e estendeu a mão para apertar seus seios doloridos, necessitados. A

princípio gentil, ele amassou-os mais duro quando ela implorou por mais. Sabendo o que ela precisava, ele rolou seus mamilos entre seus dedos até que eles doeram.

Prazer e dor. Uma combinação explosiva. As sensações de saciedade em sua vagina e traseiro estendidos, acendendo chamadas em todas as células nervosas, levando-a, inexoravelmente, em direção a liberação, que ela não achou com um homem desde que seu antigo mestre partiu.

Sua vagina começou a ordenhar o pênis dele, uma reação espontânea para seu toque, sua proximidade. Foi tão bom. Tão bom. Os sinos tocaram em suas orelhas. Oh, Deus... — Não para. Por favor.

— Eu não pararei. Sempre. É isto. Goze. Maldição, mas você é apertada. É isto aí, aperte-me. Goze para mim. Faça-me gozar — sua ordem áspera deixou-a livre, livre para se liberar, que ele oferecia. Só quando sua vagina começou a contrair-se e irradiou sensações deliciosas por seu corpo, ele mordeu a sua nuca sensível e mandou-a estalando acima da borda para o melhor orgasmo que ela teve desde...

Por mais tempo que ela podia lembrar. Talvez nunca....

Ela não veio abaixo ainda, só quando, ela sentiu seus músculos tensos e ouviu o grito de triunfo quando ele gozou. Os jorros de sêmen, mesmo dentro do preservativo como eles estavam, levaram-na para outro clímax, este aqui, mais suave, mais brando que a primeira explosão de sensação.

Ela fez isto. Ela achou o homem que ela queria para ser seu Mestre, um que fez o corpo dela cantar. Pelo menos no quarto. Mas ela empurrou aquela preocupação mesquinha para longe, quando, percebeu que ele planejava fazê-la cantar, novamente. Porque ele não soltou seus braços e pernas.

Ao invés disso, ele fez uma pausa longa o suficiente para descartar o preservativo e vira-la de costas.

— Eu estou deixando isto — disse, meneando a base do plug e desencadeando uma onda leve de sensação. — E adicionando isto — O grande vibrador deslizou em sua vagina.

Então ele se estendeu ao lado dela, correu as mãos sobre ela como se conhecesse cada centímetro dela. Ela amou isto, a conexão que foi além de transar, isso pareceu como se tivesse tocando a sua alma. Ficou assim, pelo que pareceram horas não se movendo com exceção de seu afago com as mãos apreciando, às preliminares, que tantos homens consideravam um desperdício, desnecessário, de esforço.

— Foi formado um laço — Eli disse, depois de um tempo. — Você sente isto?

— Sim, Mestre.

— Bom — sentando-se, em seguida, virando e escarranchando-se ele puxou o rosto dela para trás, e ergueu seu pênis. — Chupe-me. Eu sonhei em ter esses bonitos lábios ao redor de mim deste modo. Lambendo e chupando meu pênis. Sim, Bebê. Desse jeito.

Ele era tão grande que ele estirou seus lábios, enchendo-a, tão completamente, que era duro para ela acariciá-lo com a língua. Mas ela amou que ele fosse liso. Tão liso e quente que ela queria consumi-lo. Ela se concentrou, tomando seu pênis, um pouco mais fundo, com cada respiração até que o escroto estava contra o nariz dela. Quando ela pegou uma ponta do piercing com a língua e meneou isto, ele gemeu, então, se estendeu sobre ela, até que, ele podia tocar seu clitóris com a língua. Seu bigode e cavanhaque irritaram o interior dos lábios inchados da vagina, enquanto, os sedosos cabelos roçavam a parte interna das coxas dela.

Não existia um orifício vazio em seu corpo. Ele a possuiu completamente, como um Mestre devia. Incrivelmente excitante, ela pensou, esta possessão total que ela somente experimentou antes, quando, seu antigo Mestre a compartilhou com outros Doms, no calabouço. Agora era só Eli, e foi incrível. Chupando, lambendo e engolindo sua carne expandida, ela o levou tão fundo que sentiu a almofada suave formada pelos pêlos púbicos dele, contra seus lábios e nariz e o esporear de sua entrada em sua garganta ávida.

As réplicas a consumiram, roubando sua mente, enquanto ela, sofregamente tragou sua liberação. Esvaziando-o, ela deitou-se imóvel, vagamente ciente, de que ele estava prendendo um cinto de couro ao redor de sua cintura... trabalhando algo entre

suas pernas... apertando isto ao plug em seu traseiro e o vibrador em sua vagina que ficariam no lugar. Ela amou as sensações.

— Eu amo o modo como você responde a mim. Agora, doce escrava, isto é para manter você cheia enquanto nós dormimos. Uma vez que ele teve o cinto assegurado para sua satisfação, ele soltou suas amarras, então, deitou ao lado dela, puxando-a mais perto, fazendo ela se sentir protegida... morna... quase amada.

Saciada, ela acariciou a cabeça de Eli e deixou suas emoções terem rédea solta, enquanto ele dormia. Um Dom magistral, um cirurgião respeitado que compartilhava, a sua tão esperada especialidade. Um magnífico homem. Seria possível? Podia ela ousar ter esperanças que Eli poderia ser a resposta para todas as suas fantasias?

CAPÍTULO 3

Na manhã seguinte, Eli piscou pela luz solar brilhante que inundou o quarto. Por muito tempo, ele ficou deitado assistindo Maggie dormir. Ele mal podia acreditar nisto. Ela deixou ir embora à tensão que ele viu nela, muito freqüentemente, quando eles trabalharam juntos. Enquanto ele tinha fortes suspeitas que ela fosse uma sub, não existia nada como uma suada confirmação. Se ela não tivesse sido tão boa em projetar a distância quando ele tocou em sua vida pessoal, ele poderia ter feito isto meses atrás. Eles podiam ter compartilhando os fetiches que ele tentou tão duramente manter separados e distintos de suas vidas profissionais.

Você manteve seus segredos escondidos muito melhor que eu fiz, querida.

Dez anos atrás, quando ele tinha acabado de terminar a escola de medicina, ele aprendeu da maneira mais difícil que a mulher que ele imaginou que seria a esposa ideal de um médico, não tinha sido nada propensa a compartilhar sua necessidade de jogar D/s²⁸. O fracasso do casamento, que não sobreviveu ao primeiro ano de sua residência no hospital de veteranos de Tampa, enviou-o a procurar por um clube de BDSM. Ele achou satisfação sexual, mas não uma mulher com quem podia formar o tipo de conexão sentimental e intelectual necessária para um bem sucedido casamento. Embora, ele às vezes ansiasse por uma companheira para compartilhar os altos e baixos da vida diária, como também, as suas preferências sexuais, Eli tinha quase se resignado a ficar solteiro e tolerar as insinuações, freqüentes, dos seus colegas cirurgiões, sobre sua orientação sexual.

Talvez ele e Maggie... Não, era muito cedo. Ainda assim, Eli não podia evitar imaginá-los juntos, não só na cama e no trabalho, mas como, reais parceiros, vinte e quatro horas por dia. Inferno, sua ex-mulher teria lhe jogado na cadeia se ele tentasse amarrá-la ou colocar-lhe um plug em seu traseiro. Maggie implorou por isto.

²⁸ D/s Dominação/submissão.

Engraçado. Ela deu aos colegas de trabalho a impressão de ser uma mulher bem educada, conservadora. Uma mulher atenciosa, que teve como resultado, uma boa cirurgiã. Oh inferno. Ele teve que enfrentar isto.

Enquanto, ele era desconfiado da palavra amor, ele gostou tanto de Maggie durante aqueles breves momentos de dúvida sobre sua orientação, ele teve a intenção transformar sexo selvagem em baunilha por ela, desistindo de sua necessidade de controle sexual. Ele imaginou-se a levando para encontrar sua mãe. Sua mãe gostaria dela, pensou, enquanto observava-a dormir, ainda que ela não fosse uma das filhas de seus bons amigos, que ela empurrava para ele, desde seu divórcio. Ele sorriu, quando, lembrou-se da sua última submissa de tempo integral, com seus cabelos longos tingidos de preto, maquiagem gótica, e a serpente que ela quis tatuada ao redor de seu pescoço, em vez do colarinho tradicional. Se sua mãe tivesse visto isso, ela teria brigado com ele.

Eli ficou duro novamente, pensando em fazer Maggie sua sub, por tempo integral. Ele nunca ousou sonhar que ele acharia uma mulher como ela, uma senhora fora do quarto, uma companheira profissional, com quem ele podia compartilhar seus dias, como também noites. Ela deu a ele não só uma boa transa, mas a surpresa de sua vida. Se ele fosse levá-la para sua casa, ela faria sua mãe feliz. E ela, indubitavelmente, o manteria em seus dedos enquanto ele quebrava as reservas dela e a fizesse responder a ele, não só na cama, mas em todos os níveis.

Eli correu seus dedos através de seus cachos loiros da vagina dela. Ele gostava de cabelos curtos, como estes, porque era mais fácil explorar todas as zonas erógenas. Ele descobriu isso, quando jogou uma vez, em um calabouço, com uma sub que estava com a vagina barbeada. Ele teria que pedir a Maggie que barbeasse sua vagina, ele decidiu, e ele colocar-lhe-ia uma marca própria não um colar, mas um piercing que só ele e ela veriam.

Ele controlaria sua mente, faria com que ela confiasse nele, tão completamente, que ela saberia que, tudo o que ele fizesse para ela, lhe traria prazer, tão completamente, que, ela nunca precisaria usar sua palavra segura. Pela primeira vez em sua vida, como um Dominante, ele quis deixar o mundo saber que Maggie pertencia a ele. Ele não

estava tão certo de que ela iria tão longe. Caramba, ele, nem sequer, tinha certeza que ela compartilhava seus sentimentos, além, da luxúria inconfundível, que os dirigiu ontem à noite.

Sentimentos? Eli não estava certo de como definir o que ele sentia por Maggie, mas ele sentia, muito, mais que gratidão por uma noite alucinante de sexo. Ele seria maldito se rotulasse as emoções que surgiram em seu cérebro como amor. O amor, o desapontou antes, fez ele desconfiado do termo e tudo que implicava. De alguma maneira, entretanto, o prospecto pareceu factível quando ele olhou para Maggie.

Ele acariciou seu rosto, traçou a linha delicada de sua mandíbula. Pela primeira vez, em muito tempo, para sempre, ele emendou. Ele experimentou uma sensação de ternura, uma necessidade de proteger esta mulher que derramou sua aura de invencibilidade sentimental com suas roupas, ontem à noite. Imaginá-los juntos, nos anos vindouros, não o fez pensar em fugir, como quando ele teve outras amantes.

Talvez, com o tempo, os dois cansassem de jogos de escravidão. Muitos de seus conhecidos na comunidade BDSM disseram a ele que, o prazer final aconteceu para eles quando deram seus corações, e trocado seu amor escravo em troca de carinho.

Primeiro, porém, Eli tinha que estabelecer a sua relação, como Mestre e escrava. Maggie obviamente esperava pelo que ela revelou na apresentação. Ele abriu sua gaveta de brinquedos e tirou as braçadeiras de mamilo²⁹, que ele havia notado, ontem à noite. Enquanto ela dormia, ele acariciou seus seios, beliscando os mamilos, então, os apertando quando, ela começou a choramingar e arquejar. Curvando-se, ele banhou os mamilos expandidos com sua língua.

— Ai! Isso dói. Mas é tão bom, também. Use seus dentes. Por favor, Mestre. O apelo sonolento de Maggie fez seu pênis ficar ereto.



Ele pegou um mamilo em sua boca e sugou, então o segurou com seus dentes até que ela soltou um pequeno grito. Seus testículos pararam, e seu pênis inchou e endureceu ainda mais. — Quer mais?

— Oh sim, por favor.

Ele mordeu mais duro, então alcançou entre suas pernas e puxou de lado o cinto que segurava o vibrador e o plug no traseiro. — Boa menina. Você está molhada para mim. Eu gosto disso — Sua lisa e inchada vagina, gritava por ele. O cheiro de sexo penetrou o ar ao redor deles. O pênis de Eli pulsou. Mas primeiro...

Ele se afastou e levantou-se. — Tire o equipamento e tome banho. Você pode tirar o vibrador, mas deixe as braçadeiras. Eu quero seus mamilos quentes e vermelhos, como estão agora. Curvando-se, ele levou um, em sua boca e chupou com força.

— Sim, Mestre. Quando ela olhou para ele, ele viu desejo em seus olhos. Mas também preocupação. Puxando-a para perto, ele a beijou longa e duramente e mandou-a para o chuveiro com um conciso comando, mas primeiro, ele segurou seu olhar tempo suficiente para saber que ela não estava só em seus sentimentos ontem à noite. Inferno, ele não quis que ela se sentisse só, novamente.

Se ele não se vestisse e saísse de sua cama, ele não seria capaz de resistir, em transar com ela, novamente. Isso não podia acontecer, pois, tinha marcado uma cirurgia em menos de uma hora e ele soube que ela teria rondas para fazer antes de voltar a trabalhar na clínica. Mais tarde, ele prometeu a si mesmo, enquanto recolhia sua calça e a colocava.

Até que ponto Maggie iria seguir suas ordens? Eli tinha intenção de descobrir. Pegando um bloco, que ele achou perto do telefone encima de sua mesa de cabeceira, ele rabiscou suas ordens, junto com uma nota de desculpas, por deixá-la sozinha. Depois de achar as roupas que ele queria que ela vestisse, ele escorou o bloco em cima da pilha e deixou as chaves de seu carro em cima. Quando ele saiu correndo do apartamento de Maggie, para pegar um táxi, ele olhou em seu relógio.

Ele a veria, novamente, em menos de sete horas, a menos que, um problema com um paciente da clínica o trouxesse para sala dela ou os dois para a Sala de Emergência ou

cirurgia. Sete horas até que, ele a levasse para seu lugar privado, no Rio Brava e colocasse seu colar ao redor de seu pescoço esbelto.

Ele esperava que, a tivesse lido corretamente, e que, ela o quera, como Mestre em tempo integral, não só uma transa rápida, à mão.

E talvez, surpreendentemente, aconteceria de eles decidirem que precisavam um do outro para sempre. Ele teve uma sensação inquietante, mas, inesperadamente, aprazível de que mantê-la lhe faria um bem, que ele nunca tinha conhecido.



— Por que você está sorrindo, Eli?

Mark Blackstone, o sócio sênior em sua prática, estava deitado em uma cadeira estofada quando Eli entrou na sala dos cirurgiões, tirou sua máscara e luvas e as lançou no lixo. — A reconstrução de costela de Mooney foi muito melhor que eu esperava. Parece que eu posso chegar a escapar esta tarde mais cedo do que pensei. Você terminou seu dia?

— Não temos tal sorte. Um trabalhador de construção civil em Fredericksburg, apenas cortou três de seus dedos, com uma serra circular. Eu estou dando um descanso enquanto eles fazem o transporte aéreo dele para cá e o levo para cirurgia.

— Parece com que você estará aqui por algum tempo. Eli, freqüentemente, perguntou-se como Mark administrava sua agenda assassina, com a perna defeituosa, que, freqüentemente, fazia-o mancar depois de longas horas na SO.

— Sim. Lynn vai fazer um ajuste. Nós deveríamos levar as crianças ao Kurt e Shelly para o jantar.

— Talvez Kurt não possa estar lá também. Eli viu seu outro parceiro esta manhã, quando, eles compartilharam o café e pãezinhos na lanchonete. — Ele pegou um caso em curso que pode levar a maior parte do dia. Fêmur quebrado, cortesia de montar um

touro, ontem à noite, no rodeio local. Acho que eu serei o único a fazer isto, e poderei assumir compromissos.

— Provavelmente. Alguns dias... Mark balançou sua cabeça. — Se todos nós, não tivéssemos sido otários, nós não teríamos escolhido especialidades, em que quase todo caso é uma emergência. A liberação do túnel do carpo³⁰ que eu acabei de terminar era um prazer raro, programado.

— Você sabe que isso não aconteceria, se você e Kurt não fossem tão bons em recolocar membros no lugar, você podia conseguir a noite e fim de semana, ocasionalmente, fora? — Eli era bom também, mas ele não era o único cirurgião torácico, que podia lidar com danos sérios no tórax. Neste fim de semana, Bill Everett, teve sua primeira chamada. — Eu não tenho esse problema, pelo que eu sou eternamente agradecido, especialmente hoje.

— HOMEM SORTUDO. A enfermeira me disse que viu a residente do terceiro ano, dirigindo seu SUV, no estacionamento esta manhã, ela não estava enganada, afinal? Pode ser que, nosso último solteiro, está para se amarrar?

Eli não sabia sobre isto. A noção de que ele podia persuadir Maggie a ter mais do que sexo poderia não ter fundamento. — Você será o primeiro, a saber, se isso acontecer. Margaret e eu trabalhamos juntos, ontem à noite, com Kurt e um dos residentes de ortopedia. O paciente estava sangrando. Ela manteve-se, declarando que, se eu tivesse estado lá antes dela abrir seu tórax, nós podíamos ter salvado ele. Eu pensei que ela não devia ser deixada só, então eu a levei para tomar uma bebida, para acalmá-la. Ela estava ainda bastante trêmula, então eu a levei para casa e a deixei com meu carro, assim, ela podia chegar ao trabalho hoje.

Essa era a verdade, ainda que a contagem de tempo de sua partida não era, de todo, a verdade. Era ruim o suficiente que sua mãe, ficasse em cima sobre ele acomodarse. Ele não precisava que ele mesmo ou de Maggie se tornassem motivo de fofoca para o pessoal do hospital inteiro.

³⁰ O túnel do carpo ou túnel carpal é um túnel na anatomia do punho humano, formado pelos ossos carpais.

— Pensei que você poderia ter tido uma noite melhor que eu. Lynn e eu chegamos aos dez anos de relacionamento, e de muitos modos, nossa relação está obsoleta — Mark pausou quando os sons das hélices de um helicóptero começaram a ressoar de um bloco, fora da Sala de Emergência. — Não que eu ainda não a ame, porque eu o faço. Esse é, provavelmente, o trabalhador azarado da construção civil. É melhor eu começar preparar-me para uma maratona, se os dedos estiverem cortados em qualquer forma difícil de recolocar.

— Você já espera que não seja?

Mark sorriu levantou e espreguiçou. — Não. Eu amo meu trabalho, até quando este interfere em minha vida amorosa. Tenha um pouco de diversão extra, por mim. Seria melhor eu ligar para Lynn e dar-lhe as más notícias.

— Tudo bem. Eu estarei vendo pacientes no pós-operatório até mais ou menos três hora — Eli disse, esperando que nada surgisse para impedi-lo de ver Maggie, um minuto além do necessário.



Margaret estava contente hoje, era sexta-feira, um dia quieto na clínica sem cirurgias no cronograma e só alguns pacientes programados, para consultas de cirurgia torácica. Ela quase desejou uma emergência, qualquer coisa, que levasse sua mente para longe de Eli e a mensagem provocativa que ele a deixou, uma mensagem, agora, dobrada nitidamente no bolso de seu jaleco. Enviando seu último paciente marcado para casa, ela entrou em um dos pequenos cubículos, que serviram como salas para residentes de especialidade, quando eles vinham para a Clínica.

No que ela estava se metendo, derrubando limites que ela fixou, limites que claramente disse que trabalho e jogo não se misturavam. Ter Eli como seu Mestre, podia machucá-la, destruir o autocontrole, duramente, conquistado que a fez uma boa cirurgiã. Seu velho Mestre se ajustou, em um compartimento pequeno de sua vida, um espaço secreto, que ela nunca deixaria interferir com sua pessoa pública. Eli invadiria sua vida inteira, usurparia o tempo, quando, ela podia fingir que estava em controle total.

É inevitável, ela supôs que o brilho de uma noite, tão surpreendente, não pode resistir por muito tempo, contra suas preocupações. Este era um livro inteiro novo, que ela e Eli, abriram entre eles. Tomar um Mestre, que era uma grande parte de sua vida profissional, estava destinado a resultar em algumas complicações. E ansiedades.

Tirando a nota do bolso de seu jaleco, ela releu as instruções que ele deixou para ela. Sim. Ele era um Dom esmagadoramente intuitivo, pois, ele deu a ela algo para se distrair, com ordens, tão precisas, quanto suas instruções, quando ele explicava-lhe um novo procedimento. Sua vagina contraiu-se e seus mamilos começaram a formigar.

Ele podia mantê-la quente, mesmo, sem estar no mesmo prédio e ela não poder tê-lo. Colocando a nota de volta em seu bolso, ela tentou se concentrar em algo, qualquer coisa, exceto o homem que se imprimiu, indelevelmente, em sua mente.

Ela pegou uma fotografia do grupo, ela e Dale com seus pais e irmã no ano passado. Ao contrário de Dale, um empreiteiro geral, que tinha sido auto-educado e um pouco áspero em torno das extremidades, Eli encaixaria bem com seus familiares conservadores, academicamente, propensos. Não que, eles não achariam alguma falha nele. Tanto quanto ela amava a sua mãe e seu pai, ela aprendeu que, eles não podiam estar contentes. Mil e quinhentos feriados deviam ter sido perfeitos, se sua graduação *com grades honras* tivesse sido com *a maior* das honras³¹. Sua terceira colocação na escola de medicina, só teria agradado a eles, se tivesse sido número um.

Eles culpariam Eli por algo, ela estava certa. Com quem ela estava brincando? Seus pais não aprovariam Eli, muito mais do que gostaram de Dale. Ela podia quase ouvir sua mãe lamentando que Eli não parecia com um doutor, que ele era muito grande, muito musculoso, também com muita autoridade masculina. De nenhum modo era ele

³¹ Numa tradução literal seria: Mil e quinhentos feriados deviam ter sido perfeitos se o magna cum laudes (com grades honras) tivesse sido o summas (com a maior das honras).

Cum laude é uma frase em latim usada especialmente nos EUA para indicar o nível de distinção acadêmica com o qual um indivíduo havia cursado um grau acadêmico. No Brasil as menções citadas abaixo são utilizadas no ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica).

Tipicamente, existem três graus de honra, ordenados abaixo:

- *Cum Laude (Com Honra(s))* é a distinção de menor fila entre as três; representa um reconhecimento direto ao alto nível acadêmico alcançado durante os estudos realizados.
- *Magna Cum Laude (Com Grandes Honras, literalmente)* corresponde aos alunos graduados com um nível acadêmico não menor de dezoito pontos obtidos. No mundo anglo-saxão, é o equivalente a uma graduação Cum Laude.
- *Summa Cum Laude (Com a Maior das Honras)* representa a maior distinção e é o reconhecimento por obter a máxima qualificação possível em uma titulação universitária, especialmente nos níveis do mestrado ou doutorado. Corresponde aos graduados com um nível não menor de dezenove ou vinte pontos obtidos.

como o menino do vizinho, um acadêmico quieto que, seus pais sempre a incentivaram buscar como companheiro. Talvez, só talvez, ela nunca teria de apresentá-los.

Pensamento tendencioso, Margaret. De jeito nenhum, Eli iria ser empurrado ao compartimento de sexo de sua vida e excluído do resto. Ele provou isto ontem à noite, em alto grau, que ele poderia muito bem resistir a qualquer tentativa dela de desobedecê-lo como Mestre. Mas será que ele manteria o respeito que ele sempre lhe mostrou como um doutor? Sua amizade e orientação, em sua residência, significariam, tanto quanto o que eles compartilharam ontem à noite.

Ela não tinha que pensar sobre isso agora. Ou sobre se ela impressionaria a mãe de Eli, que se a fofoca do hospital era precisa, estava em uma missão perpétua, para casar seu filho com uma série de filhas dos seus amigos. Margaret tirou a nota de Eli e leu-a, novamente.

Sub, o inferno. Pelo que ele escreveu, ela entendeu que Eli pretendia que ela fosse sua escrava. Se ela pudesse, ela teria ignorado a nota. Mas ela não podia. Ele pensou que ela percorreria uma grande distância para achar satisfação, e ele foi perfeito.

A nota chamou sua atenção no momento que ela saiu do chuveiro, dolorida, mas, extremamente, satisfeita. Desapontada, porque ele tinha partido, embora ela soubesse que ele teve uma chamada de cirurgia, ela seguiu cada ordem rabiscada. Ela fez um esforço consciente para ignorar a pequena voz em sua cabeça que se manteve questionando a sua sanidade. Mas ela não podia deixar de apreciar o pensamento que ele expressou sobre a roupa íntima que, ele escolheu para ela vestir. *Eu estarei pensando em você usando estas coisas e ficando duro. Contando as horas até que eu possa tirá-las de você. Tomar você completamente, em todos os sentidos.*

— A propósito, Dra. Berman, você parece sensual nesse vestido. O balconista da unidade disse, quando ela chegou ao hospital, hoje. Ela pareceu surpreendida. Tão surpresa que a deixou tímida até que ela achou um jaleco. Normalmente ela vestiu-o sem manga com uma jaqueta verde combinando, mas Eli especificamente ordenou para ela não vestir isso.

Ela se sentiu sensual. Como ela podia não se sentir, quando ela teve seu novo Mestre alto e musculoso, fixamente, em sua mente?

Eli deve ter sabido que ela se sentiria exposta no sutiã de cetim meia taça e cintaliga combinando, que ele escolheu para ela, especialmente, desde que ele estritamente proibiu-a de colocar a calcinha. A renda roçava sua parte interna da coxa quando ela caminhava sobre o salto alto, que ele colocou sobre a cama. Ela nunca usou salto alto para trabalhar. Bem, ela achou que o fez, agora, desde que ele ordenou isto. Meneando seus dedos dos pés, dentro dos sapatos, ela quis que seus pés parassem de doer. Ele devia estar enviando uma mensagem deliberada, porque, ela sabia que os saltos dos sapatos, eram impraticáveis. Uma mensagem que ela estava considerando antes de sua própria vontade, aceitar a dor, junto com o prospecto de êxtase, por vir.

Boa coisa, o jaleco cobrir seus mamilos que pareciam pedras duras e óbvias por seu sutiã e vestido leves. Pelo menos, Eli, tinha sido cuidadoso o suficiente para ordenar que ela tirasse as braçadeiras de mamilo, que ele colocou antes de seu banho.

Ele viria a sua sala cedo? Às vezes ele vinha se tivesse tempo, para verificar os prontuários dos pacientes que ela viu. Se ele viesse hoje, ela imaginou que ele queria a provar de que ela iria obedecê-lo à risca. Sua vagina contraiu-se quando ela imaginou Eli deslizando uma mão debaixo de sua saia. Se ele descobrisse que ela barbeou sua vagina por sua ordem. O ar frio de uma grade do chão deslizou em suas pernas, lembrando-a o quanto mais sensível sua carne privada estava agora, destituída de pêlos.

Ela sorriu quando pensou sobre isto. Ela era suave lá, agora, tão suave quanto o tórax e abdômen musculosos dele. Ela gostou do fato de que ele tinha tão poucos pelos no corpo, que ela achava que ele se mantinha liso, por causa das competições de musculação, que ela ouviu dizer que ele participava regularmente.

Sentir sua vagina nua, não seria o suficiente, pensou ela. Ele, provavelmente, inseriria dois longos dedos espessos recompensando-a com um beliscão em seu ponto G, quando ele descobrisse que ela achou e inseriu o diafragma que ele sugeriu. Iria ordenar-lhe abrir a boca, para verificar a barra de prata que ela inseriu em sua língua no lugar do disco claro e plano que ela normalmente usou para manter o piercing aberto.

Ela mal podia esperar para tomá-lo em sua boca, esfregar a bola, lentamente, sobre a cabeça do pênis espesso, inchado.

Use uma jóia de língua real, além do retentor, mas lembre de não deixar qualquer outro ver isto. Ele escreveu. Fechando sua boca, ela esfregou a bola lentamente contra seu céu da boca. Pareceu bom, a fez ter vontade de passar sua língua por cada centímetro do corpo de Eli, duro e quente, experimentando as vibrações quando a bola em sua língua colidir com as extremidades da barra segurando o Ampallang no pênis dele.

A gola rolê de seu vestido escondia uma mordida de amor, abaixo da linha de seus cabelos atrás na nuca. Suavemente ela achou-a e esfregou a carne inchada. Ele deve ter notado o pequeno ferimento e o considerou quando escolheu este vestido, uma concessão pequena para o decoro e profissional. Só em pensar sobre isto, ela acalmou um pouco de suas outras preocupações. O vestido era evidência de que ele reconheceu sua necessidade de discrição. Que ele era pensativo, atencioso com seus sentimentos e suas posições respectivas. Uma qualidade que seu velho Mestre nunca demonstrou.

E então, em contraste com isto, ela pensou sobre coisas longe do reino do respeito e da discrição. Como Eli a levando, a fazendo tomar sua carne quente em sua boca, vagina e ânus. Seus sucos começaram a fluir, aquecendo e acalmando seus bem usados e estirados tecidos.

Ainda bem que, o assistente não pediu o relatório das rondas principais hoje. Ela teria tido um mal tempo revisando um caso com o piercing de língua em sua boca. Como tentativa, ela deslizou sua língua em seu lábio superior, medindo o peso do piercing na língua. Era mais pesado que o que ela usou para o prazer do seu Velho Mestre, pesado o suficiente para fazer a dicção menos distinta. E ele deu a ela uma voz sedutora. Ela mal podia esperar até o final do dia, então, ela poderia ir para Eli e servi-lo.

Suas duas ordens finais aguardavam para serem cumpridas. *Justamente, às três e trinta da tarde, insira este vibrador em sua bonita vagina, e pense sobre quanto melhor será, quando, for meu pênis ao invés disso. Não goze, entretanto. Seus orgasmos, todos, pertencem a mim.*

Margaret olhou em seu relógio. Três e vinte. Se ela se apressasse, ainda, poderia fazer isto no banheiro, a tempo. Bolsa na mão, ela caminhou propositadamente para o

banheiro e trancou a porta, então pegou o vibrador, um dispositivo de gel em forma de ovo roxo³² que ela comprou, mas nunca usou. Sua análise anterior mostrou que era eletrônico, mas como não tinha nenhum botão, era óbvio que, era remotamente controlado. Como a maioria dos brinquedos era necessária a proximidade, que a Fez tremer em pensar que Eli poderia estar perto o suficiente, em algum lugar, a poucos metros, daquela porta do banheiro, a fim de controlar seu prazer. Erguendo sua saia apertada e espalhando as pernas, inseriu empurrando tão fundo em sua vagina quanto ela conseguia com seus dedos.

Ela já estava molhada. E quente. Como ela, poderia ela fazer isto e, parecer, a profissional calma que deveria ser? Especialmente quando Eli estava ao redor para colocar o vibrador em movimento?

Ela não tinha nenhuma escolha. Seus músculos internos apertaram-se para manter o ovo, com firmeza, onde ela o pôs e ela saiu indecisamente, para fora, do isolamento do banheiro, olhando o corredor de ambos os lados então caminhando para sua sala, tão depressa, quanto podia, sem desalojar o vibrador.

Ter a coisa caindo e saltando corredor abaixo não seria engraçado. Bem, seria, mas também, altamente constrangedor se a enfermeira ou um dos residentes do primeiro ano vissem o que aconteceu. Em algum momento, ela teria que estabelecer algumas regras básicas para sua relação, mas no momento sua libido a compelia a seguir as últimas ordens de Eli.

Assim, quando, ela começou a acreditar que poderia controlar as sensações de necessidade, que serpenteavam por seu corpo, o vibrador começou a girar. Meneou de um lado para outro, e ao redor, seu zumbido inaudível, mas transmitido de sua vagina diretamente para seu cérebro, já sobrecarregado. Embora, ela tentasse se controlar, ela respirou fundo enquanto caminhava, cuidadosamente, pelo corredor, para sua sala. Ela tentou se concentrar na mais recente revista JAMA³³, totalmente impossível, não

³²³³ JAMA - The Journal Of the American Medical Association.

importava, o quanto, ela tentava se concentrar, no que devia ter sido um artigo interessante, sobre uma nova técnica para ressecção de pulmões doentes.

Conforme o tempo passava, as vibrações suaves ficaram mais fortes. Ela se contorceu em sua cadeira, olhou para o relógio na parede. Maldição, ela ainda tinha que se sentar aqui uma hora ou mais. A leitura era uma causa, realmente, perdida agora. Ela desistiu, e olhou para mensagem de Eli e sua última ordem.

Será? Ela ousaria declarar sua subserviência para um colega? Reconhecer o controle dele sobre sua vida privada? Poderia ela ser sua escrava no quarto e sua igual fora dele?

Será que Eli queria ostentar sua relação? Margaret não pensava assim, mas ela não podia evitar lembrar-se de Dale e do colar de ouro que ele lhe deu. Ele teve o prazer de colocar um colar de couro preto nela, quando ele se sentiu como seu líder no Calabouço. Uma vez, quando eles estavam de férias, onde ninguém que eles conheciam, era provável vê-los, ele a fez caminhar com ele em uma rua pública, como se ela fosse uma cadela de estimação. Ela achou, horivelmente, degradante, mas, estranhamente, erótico, pior que as piores surras que ele, freqüentemente, administrava, atrás de portas fechadas, até que, ela gritasse com a dor do prazer.

Ela jurou quando ele partiu que ela nunca entraria em uma relação de D/s naquele nível, novamente. Mas aqui estava ela, pulando de cabeça no fogo, sem pensar em si mesma. Eli entrou, sorrateiramente, em sua vida como um amigo e mentor. Ele moveu as engrenagens depressa o suficiente quando ela, finalmente, deixou-o saber que ela gostava de seu sexo bruto e um pouco diferente.

Seu último comando mudaria a vida de Margaret se ela escolhesse obedecê-lo. Eu quero que você use meu colar. Se você concordar, estenda sua mão para mim. Eu encontrarei você em sua sala assim que eu ver todos os meus pacientes.

Ele obviamente queria sua relação à vista de todos. Dificilmente, poderia ser de outra forma, com eles trabalhando juntos, quase, todos os dias. Ela esperou que ele sentisse a necessidade, tanto quanto ela, de manter a natureza, verdadeira, daquela relação estritamente entre eles. Seu velho Mestre precisou exercer sua vontade sobre ela

diante dos outros, e ele satisfez isto, a compartilhando com outros Doms, em calabouços públicos, humilhando-a enquanto a deixava mascarada para esconder sua identidade. Talvez, Eli quisesse isto, também, mas ela duvidou disto.

Não, Eli não ostentaria seu estilo de vida. Ele não podia fazer isso, e ao mesmo tempo proteger sua própria carreira. Talvez, ela esperasse que, ele renunciasse aos clubes de sexo local, e a faria usar o colar, no isolamento do calabouço dele, como ele sussurrou ontem à noite, longe de olhares indiscretos. Não que ela se importasse de ir a um clube, ocasionalmente, sentir Eli e outro amante a tocando, despertando-a, levando-a para alturas que ela relutantemente admitiria que precisasse. Mas ela apreciaria o isolamento para adorar o corpo magnífico do seu Mestre, aceitar a dor que ele lhe infligiria, a fim de trazer seu prazer.

Quando Margaret atendeu ao telefone, as vibrações do ovo se intensificaram, como se Eli percebesse que ela estaria duvidando da sabedoria do presente e quis lembrá-la de que ela precisava dele. Quando, ele entrou pela porta da sala dela, com um sorriso predatório em no rosto e um telefone celular em sua mão, ela viu o receptor. A pancada da porta fechando atrás dele a fez saltar em antecipação.

Um momento mais cedo, ela não tinha certeza que faria isto, mas quando ele olhou-a, ela soube. Eli era seu futuro. Seu Mestre. Ela poderia, também, admitir para ele o que ela já sabia, por si mesma. Ela ficou de pé, com a cabeça curvada e colocou a na boca. Ele sorriu, como se ele soubesse das dúvidas que a atormentavam, virou a mão para pegar a dela, e colocou-a entre suas palmas.

— Você fez tudo que eu pedi para você? — como se ainda a estivesse testando, ele aumentou a velocidade do vibrador para seu nível mais alto, chegando à constante quando ela balançou para frente, estremecendo. Com os braços firmemente ao redor dela, ele girou-os em direção a porta. — Ainda bem que eu lembrei-me de fechá-la.

— Sim, Mestre. Eu segui suas ordens ao pé da letra.

— Eu vejo que você fez.

Maldição, mas ela era quente. O sangue se acumulou em seu pênis quando ele cheirou a sua estimulação, flutuando, como uma aura ao redor dela, misturando-se com

o odor floral de sua água-de-colônia. Seu cheiro, agora. Ninguém teria reconhecido como aquele. Ele teria notado o que ele pensou ser um perfume almiscarado, sensual se ele não tivesse comido sua vagina e tocado seu sensível pequeno clitóris com a língua. Sua língua arremessou para fora, molhando os lábios que estavam tão bons nele ontem à noite.

Seu pênis inchou dolorosamente contra o algodão suave de sua cueca, e suas bolas apertaram. Deus, ele desejava que pudesse ousar levando-a daqui, aliviar a dor que ele teve o dia todo. A dor que se intensificou no momento que ele entrou pela porta da sala dela.

— Você diria a mim se você tivesse dúvidas, não é? — se ela iria recuar, ele queria saber agora, antes deles passarem para a próxima etapa. — Eu quero você como minha submissa, contanto que você me queira como seu Mestre — ele disse, embora, em sua mente, ele perguntou-se o que aconteceria se ele decidisse que a queria como sua escrava sexual pelo resto da vida.

Opa, devagar, Eli. Saboreie isto. Mas com um colar, embora, ela poderia pensar que era cedo demais para isso. Ele quis deixar claro que ele não estava procurando por alguma diversão temporária e jogos, e daria a ela uma última chance de jogar com ele, por outros poucos meses, do jeito que ela fez depois do primeiro beijo.

Ela mordeu seu lábio inferior, mas manteve o olhar. Do estado carente de seu corpo, o olhar necessitado em seus olhos, ele achou que ela o queria, muito — Nenhuma dúvida sobre nós. Mas...

— Mas o que? Eu te conheço tempo suficiente para saber que a noite passada seja apenas sexo para mim. Disse devagar, segurando seu queixo. — Eu estou certo que você me quer, também. Diga a mim, Maggie, o que está prendendo você?

— Eu não quero que alguns de nossos colegas saibam sobre nosso estilo de vida. Ela pareceu com medo, mas ela falou com firmeza.

Apesar de parte dele, querer ostentá-la no calabouço do Clube Rio Brava, ele soube que não iria. Pelo menos não desde que ele sentiu esta necessidade de protegê-la, mantê-la para si mesmo, não a compartilhar com outro Dom, não importa o quão

discreto ele pudesse ser. Mas ele não podia deixá-la acreditar que, ele estaria cedendo muito facilmente. Ele já sabia que ela era uma sub ao extremo, o tipo que precisa de uma mão firme e sentir que ela tem um verdadeiro Mestre, para dar-lhe a confiança que ela precisava. — E se eu sou não estiver certo em manter isto em segredo?

— Você poderia me levar para um calabouço. Nós podíamos usar máscaras. Ela disse a ele, sua voz baixa, quando ela falou, ainda mais baixa, quando ela abaixou seu olhar para o chão. — Isto é o que meu primeiro Mestre, muitas vezes fazia.

Ele podia dizer, por seu tom, que ela não gostava disto. Seu antigo Mestre a compartilhou? Humilhou-a na frente de Doms e Dommes da mesma categoria? Ele recordou de um Dom de um clube BDSM próximo a Riverwalk, o primeiro calabouço que ele foi depois de mudar para San Antonio. O sujeito tinha sido um sádico, se ele já viu um. Ele ofereceu a sua bonita escrava para qualquer um que a levasse. Entretanto ela estava mascarada, e seu cabelo era longo e loiro, ela lembrou a ele, em alguns modos, da residente do terceiro-ano que ele encontrou mais cedo naquele dia, tanto que, quando o Mestre da sub, o convidou para transar com ela, Eli recusou a oferta.

Agora, quando ele viu o olhar assustado nos olhos de Maggie, ele perguntou-se novamente se ela foi abusada daquele modo, e se ela fez as cenas de calabouço das quais ela falou, só para agradar seu Mestre. Eli estendeu a mão e a tocou-a, emoldurando seu rosto entre as mãos. — A menos que você queira, nós não freqüentaremos os calabouços. Eu pertencço a um clube que você poderia apreciar, mas isso será sua escolha.

Pelo alívio de sua expressão, ele acenou com a cabeça. — Se nós formos algum dia, será porque você pediu isto. E será em meu clube, onde todos os membros fazem juramento de sigilo também, pois suas carreiras não sobreviveriam as suas orientações sexuais. Venha, meu calabouço pessoal nos aguarda.

Quando ele notou suas mãos tremendo, enquanto, ela pegava sua bolsa de uma gaveta, Eli diminuiu a velocidade do vibrador. Quando ele imaginou sua vagina lisa, úmida e ávida pela satisfação que ele logo forneceria, ele mal podia resistir trancar a porta, derrubar os documentos de sua mesa, e penetrá-la na superfície marcada de sua

mesa. Em vez disso, ele a aproximou dele, afastando os instintos mais básicos, que ela tinha um modo de acender nele, e descansou sua bochecha em cima de seus cachos vermelhos dela.

— Oh, sim. Você se sente tão bem — seu silvo o conseguiu muito mais quente. Então ela abriu suas pernas, como se ela não se importasse que ele a levasse, aqui mesmo, agora.

— Pare com isso ou eu vou penetrar você aqui e agora. Nós não queremos alguém entrando, agora não é?

Com movimentos lentos, relutantes, ela recuou, seus olhos vítreos com paixão.

Ela estendeu sua mão para ele. Ela quis ser sua. Agora, não mais tarde, se ele a leu certo. A enormidade de sua escolha o acertou, fez ele quase tão impaciente quanto ela. Ele puxou-a em sua direção, duro, e deslizou uma mão dentro de seu jaleco. Ele teve que a tocar, acariciar seus mamilos proeminentes que o chamavam, até pelo jaleco e aquele vestido de seda verde que ele ordenou-lhe vestir. — Vamos sair daqui para algum lugar privado.

— Certo Mestre.

Ela ficou nas pontas dos pés e deitou mãos em seus ombros, erguendo o rosto para seu beijo. Ele dificilmente podia esperar para pôr o colar nela, para pôr o anel que ele comprou, onde ninguém mais veria isto. Talvez algum dia, se ela concordasse, eles fariam sua ligação permanente e legal, e ele colocaria um anel de diamante em seu dedo.

Aquele pensamento inesperado o chocou, por ter vindo de lugar nenhum. Eli não podia deixar de perguntar-se o que mudou desde o longo tempo em que ele queria uma relação, e se sua noite com Maggie abriria uma porta onde aquelas ideias podiam assumir o comando de sua imaginação. Como se ela soubesse que sua mente estava agitada, ela não disse nada, só segurou sua mão quando eles saíram para o estacionamento.



Alguns minutos mais tarde, eles estavam indo para o oeste de San Antonio.

— Onde nós estamos indo? — Maggie perguntou uma vez que Eli girou sobre uma estrada de terra, que estava no meio de algumas colinas suaves.

Eli ergueu sua saia e segurou sua nua, e recentemente, barbeada vagina. — Meu lugar de fim de semana. É por Rio Medina, ao longo do rio, próximo ao Clube Rio Brava. Alguma vez você já ouviu alguns dos outros doutores conversarem sobre isto? — Vários outros doutores da equipe da Universidade pertenciam ao clube, e Eli perguntou-se se Maggie já foi lá com um deles.

— Eu não.

Bom. Ele queria ser o único Dom em sua vida. Outra surpresa desde que ele nunca pensou em si mesmo como, particularmente, possessivo. — Eu vou levá-la algum dia. Entretanto, eu amo sentir sua vagina tão suave e nua para mim. Molhada, também. Você está ansiosa para nós chegarmos lá?

— Estou queimando.

Beliscando seu clitóris enquanto ele dirigia, ele alimentou suas chamas. — Será que você conseguiria colocar um diafragma?

— Não, Mestre. Eu já uso um. Suas pernas se abriram mais, dando a ele espaço para afagá-la mais completamente. — Isso parece bom. Muito bom.

— Eu estou contente. Eu não quero que você tome pílula. Muitos efeitos colaterais.

— Eu não tomei nenhuma, já há algum tempo, agora.

— Nós tomaremos outras precauções, mas eu quero que você prometa que me deixará saber se o cuidado não for bom o suficiente — entretanto, Eli preferia que ela não ficasse grávida, pelo menos não imediatamente, a idéia de ter uma criança ou duas com ela não era tão assustadora quanto seria com outras mulheres, que ele transou ao longo dos anos.

— Eu irei. Oh, sim — ela arqueou as costas, dando a ele acesso muito melhor a sua acetinada carne.

— Assim está bom? — com o dedo polegar, ele circulou seu clitóris. Deus, ele amou como ela respondia. Seu pênis empinou-se, quando ele lembrou que tinham se passado oito horas desde a última vez que eles fizeram amor.

— Você é incrível. Você me faz louca para tomar seu pênis grande, duro dentro de minha vagina. Para sentir você todo, o toque de sua pele incrivelmente lisa — seus dedos suaves moveram-se sobre seu antebraço. — Eu gosto que você não seja muito peludo...

Ele riu. — Eu tiro o pêlo de meu corpo com cera porque eu gosto de entrar em competições de fisiculturismo. Eu pensei sobre deixar crescer de novo entre as competições, mas a perspectiva de coçar por semanas enquanto está crescendo, me faz mudar de idéia, todas às vezes. Eu podia sempre me barbear por toda parte, mas é ruim o suficiente ter que barbear meu rosto e pescoço todo dia sem adicionar alguns hectares de espaço para esse ritual. Talvez, algum dia eu removerei isto, com um laser. E você? Você não se sente mais quente agora, com sua vagina toda lisa e sedosa? Você não pensa que gostará mais quando nós transarmos? — ele pulsava agora. Se ele não transasse com ela, logo, ele pensava que morreria.

Margaret estava tão quente que não se importaria se Eli a pegasse na frente de metade de seus colegas. Tudo que ela queria, era aliviar a dor que a mantinha numa frenesi de frustração sexual, agora.

Como se ele lesse sua mente, Eli virou sobre uma estrada estreita que serpenteava ao longo de um rio, o Medina se ela não estivesse enganada. Depois de alguns minutos, ele virou em uma zona isolada cercada por arbustos densos, cottonwoods³⁴ e pinheiros gigantescos. Os arbustos já começaram a mostrar a queda das cores vermelhas e douradas, e eles formavam uma tela, que pelo menos, dava a ilusão de privacidade.



— Abras as pernas — ele ordenou num tom de comando. A partir do conjunto de suas características tensas, ela achou que ele deva estar tão ávido quanto ela. Quando ela obedeceu, ele chegou perto dela e tirou o vibrador de sua vagina. — Deus, Bebê, eu amo como você já está quente e molhada para mim.

Ele deslizou para o assento de passageiro se atrapalhado com seu zíper. — Ajude-me a sair destas calças. Eu não posso esperar outro minuto para te penetrar.

Com as mãos trêmulas ela tirou a cueca e livrou seu pênis enorme e rígido. Enquanto ela se atrapalhou para libertar seus testículos, ele desabotoou-lhe o vestido, ergueu os seios do sutiã e roçou os mamilos nus. — Morda-os, por favor, Mestre.

Erguendo-a como se ela pesasse não mais do que uma pena, ele a colocou, montada, em suas coxas. A cabeça de seu pênis roçou o clitóris, enviando sensações deliciosas junto às terminações nervosas dela. — Oh, por favor, não me faça esperar — Sua vagina jorrou, quando ele a puxou abaixo, empalando-a. Ele curvou sua cabeça, tomou um mamilo em sua boca e chupou duro.

Como se ele estivesse tão desesperado quanto ela pela satisfação, ele a penetrou duro, levantando seus quadris e a puxando abaixo em seu pênis, até que ele estava nela até as bolas. Com as mãos em seu traseiro, ele a ergueu quase fora dele e então a puxou abaixo, mais duro e mais fundo a cada impulso.

Ele estava respirando com dificuldade. Então, estava ela. A sensação inebriante de estimulação espalhou-se por seu corpo. Ela queria gozar, agora. Toda vez que ele achava seu ponto G, com o grande pênis dele, perfurado e sua barra, a necessidade dela ficava mais desesperada. Seus músculos internos apertavam o pênis dele implorando, silenciosamente, por liberação.

Ela não podia gozar, sem permissão. Se ela o fizesse, ele estaria em seu direito para puni-la. — Eu posso gozar Mestre?

— Eu sou realmente seu Mestre? — Sua respiração, úmida e morna contra o seio dela, enviou ondas de estimulação intensas, diretamente, para sua vagina.

Levantando as mãos para segurar suas bochechas, ela examinou seus olhos marrons fundos. — Você é realmente, meu Mestre — ela pausou, tentando conter a

inundação de prazer que ameaçava explodi-la. — Por favor. Penetre-me duro. Faça-me gozar — com ambas as mãos ela apertou sua boca contra seu seio, caladamente persuadindo-o a mordê-la, machucá-la e fazê-la gozar.

— Fácil, Bebê, relaxe. Deixe-me te amar. Goze agora — ele deve ter sabido o que ela precisava, porque, ele afundou os dentes naquela carne sensível dela, e comprimindo seu outro mamilo, duro. Doe, mas foi tão bom.

Oh Deus, ela estava gozando, subjugada pelo sentimento incrível. Uma deliciosa dor, um enorme prazer e muito mais. Os braços dele apertaram-se ao redor dela, protegendo-a e abrigando-a, quando sua vagina apertou-se duramente ao redor do pênis enorme e quente. Calor percorreu por seus corpos. Este calor teve tudo a ver com as emoções que fluíram entre eles, pouco a ver com a, incompreensível, reação física ao toque do qualificado Mestre. Ela não gozou assim desde... desde sempre.

Um delicioso estiramento, um calor abrasador. Acompanhado por emoções que tinham tanto a ver com carinho como com paixão, as sensações a levaram acima, não uma, mas várias vezes. Margaret amou isto, quando Eli gozou, o sêmen quente, rebatendo por sua vagina, num delicioso estouro, intensificando as ondas de realização sexual. Quando eles finalmente se acalmaram ela desmoronou contra ele, respirando o cheiro dos bancos de couro e sua água-de-colônia... o despertador aroma de sexo. — Obrigada, Mestre.

— O prazer é meu. Obrigado — ele curvou-se, tomou sua boca em um beijo que falou mais do que desejo, de devoção.

De repente ela queria o saborear este Mestre que sempre era amável, nunca sujeitaria seu amante à humilhação. — Eu posso chupar seu pênis, agora? Ela perguntou, levantando de seu colo.

— Oh, sim. Meu pênis é seu. Para seu prazer como também para o meu.

Agachada no tapete de pelúcia, Margaret o levou à boca, saboreando a mistura inebriante de seu clímax e do dela, quando ela lambeu. Deus, mas ele tinha um bonito pênis, longo e espesso. Ela lambeu toda polegada, amando-o, então tomou a coroa

escura na boca, roçando a fenda, enquanto ele enfiou os dedos em seu cabelo, segurando-a cativa, sempre, muito suavemente e amorosamente, ela quase disse.

— Pare, ou nós passaremos a noite aqui, e eu tenho outros planos — suavemente ele levantou sua cabeça e colocou-a de volta em seu assento. — Nós teremos bastante tempo para jogar uma vez que nós chegarmos a meu lugar no rio.

— Sim, Mestre — com a vagina formigando, ainda, de seu clímax volumoso, ela se aconchegou próximo a ele. A pressão tranquilizante de seus dedos em sua coxa, quando ele retomou a direção, lembrou-a quanto ele a agradava. E desencadeou uma emoção inesperada, que ela só podia descrever como amor.

CAPÍTULO 4

—Estamos quase lá. Eli virou em outra estrada estreita, pavimentada, ansioso para compartilhar com sua mulher, o lugar que ele construiu para escapar da cidade, e voltar para natureza, da maneira que deveria ter sido, antes da expansão urbana começar a tomar o comando do Oeste velho. — Olhe para sua direita. Este é o calabouço que eu estava falando. Clube Rio Brava. — o edifício de aparência rude estava no canto da estrada, quase escondido entre um bosque de altas árvores pecan³⁵, que pareciam estranhas, agora que suas folhas estavam quase no fim. Pela tensão súbita, que ele sentiu nela, Eli novamente perguntou-se o que o bastardo que a teve antes, fez para ela. Inclinado sobre ela e pegando sua mão em um aperto firme, ele chamou-lhe a atenção. — Ei, lembre-se do que eu disse. Nós faremos a coisa de clube, só quando for o que você quiser. Nós não vamos ir lá, hoje à noite, ou sempre, a menos que você queira. Meu lugar de fim de semana é um pouco mais distante, na margem do rio.

A escuridão caiu, encobrendo as árvores na sombra, mas mostrando o brilho dourado de uma lua cheia. — Eu vou colocar um capuz para cobrir sua cabeça agora — Disse a Maggie, depois de parar, em frente de seu lugar.

—Eu odeio a escuridão — ela disse a ele. Entretanto, ela curvou sua cabeça gentilmente e o deixou colocar o capuz de peso leve sobre seu rosto. Ele recordou que ela manteve uma luz acesa, à noite no quarto, em seu apartamento, imaginando que a experiência a fez temer a escuridão. Qualquer outra coisa, ele teria que aprender sobre ela, ele pensou, seria um prazeroso estudo que poderia tomar toda vida.

³⁵ Nogueira-pecã (ou pecan), cujo nome científico é *Carya illinoensis* K., é uma árvore originária do sudeste dos Estados Unidos da América, em uma faixa que vai do sul do estado de Iowa e Indiana do sul até o Texas e o Mississippi.

Elas são caducifólias, crescem de 25 a 40 metros em climas temperados e podem dar fruto por mais de duzentos anos. Possuem tronco ereto, casca inicialmente lisa, tornando-se áspera e fendida conforme o tempo. Suas folhas são compostas, longas (40 a 70 cm), pinadas com 9 a 13 folíolos (podendo chegar a 17), a inflorescência é terminal, com flores, pequenas e esverdeadas. O fruto é uma drupa, agrupando-se em cachos com, normalmente, de três a sete unidades, com epicarpo que se separa do fruto, na maturação.

As árvores são, comumente, incompatíveis entre si pois grande parte das culturas são clones de árvores campestres, apresentando dicogamia incompleta. Assim, geralmente, duas ou mais árvores de diferentes culturas precisam estar presentes para haver a polinização.

O fruto possui uma forma que vai da ovalóide à oblonga, entre uma faixa de 2,5 a 6 cm de comprimento e 1,5 a 3 cm de largura. Com coloração variando entre o marrom escuro e o cinza pardo, a sua casca possui uma espessura que varia de 3 a 4 mm.

A excitação atrapalhou suas mãos, que eram geralmente estáveis, e ele levou segundos extras para atar o capuz confortavelmente. — Há. Isto não será por muito tempo. Eu tenho um colega. Você não o conhece, mas ele é outro apreciador de nosso estilo de vida, que chegou aqui, mais cedo. Ele colocará o meu anel em você, e então, ele partirá. Eu faria isto eu mesmo, mas eu não quero que você, nunca, me associe com dor, que não produz prazer.

— Como quiser Mestre. Sua voz, sempre suave, era silenciada até mais pelo capuz.

— Um anel?

— Uma marca de minha posse, se você quiser — ele sentiu seu desconforto contínuo, e procurou aliviar isto. — Um que ninguém, além de você e eu saberemos que existe, mas irá aumentar o prazer para nós dois. Eu prometo.

Eli tomou sua mão e a puxou do carro. — Está escuro já, mas existe uma lua cheia pairando acima da água — Uma brisa soprou do rio, arrepiando o cabelo dela. Folhas caídas estavam embaixo de seus pés, ela tremeu um pouco, quase tropeçando quando de repente parou de caminhar. — Que barulho é esse?

— Esta é a chamada na mata de uma criatura que está procurando seu companheiro. Não tem nada a temer — Eli entrelaçou seus dedos com os dela. — Você se acostumará aos sons, em breve. Ele esperava que ela, de qualquer maneira, entendesse que, se retirar da cidade para comungar com natureza, era tão importante para seu bem-estar sentimental quanto para satisfazer sua necessidade de dominação sexual. Ele amou o som de água corrente e a sensação de uma brisa fresca que soprava do rio. E os diferentes sons e cheiros que abundavam nesta parte do país.

Ar fresco, úmido ao longo do caminho abaixo dos choupos³⁶ altos e outras árvores nativas. A luz da varanda, de sua cabana brilhava sua luz amarela, acenando para ele. Ele começou a andar mais rápido quando sentiu o calafrio de Maggie. Excitação,

³⁶ O choupo ou álamo (gênero *Populus*) é uma árvore da família *Salicaceae* (à qual também pertence o salgueiro), característica das florestas boreais, mas que se encontra em regiões mais temperadas, muitas vezes ao longo de rios ou em zonas pantanosas. As folhas são alternas e caducas e, algumas espécies tornam-se amarelas antes de caírem. O choupo é monóico: as flores masculinas e femininas nascem em amentilhos separados.

Estas árvores têm um sistema radicular invasivo e, por isso, não devem ser plantadas perto de casas ou canalizações, uma vez que podem causar fraturas, na sua busca de água. Estas raízes muitas vezes dão origem a novas árvores e, por essa razão, os choupos podem sobreviver a fogos intensos.

Uma das suas variedades (*Populus trichocarpa*) foi a primeira árvore cujo genoma foi completamente sequenciado. 93 dos 45.500 genes identificados foram associados pelos cientistas à produção de celulose e à lenhina.

juntamente, com uma pontinha de medo, ele imaginou, que a queda de temperatura foi rápida, mas não estava, desagradavelmente, frio.

— Certo. Nós temos seis degraus aqui — disse, puxando-a perto e embrulhando seu braço ao redor dela. As tábuas rangeram sob seus pés, pontuado por um rugido alto de um lince enquanto eles subiram os degraus.

— Oh! — Maggie tropeçou, mas Eli foi capaz de agarrá-la e firmá-la contra seu corpo. — O que foi isto?

— Você prendeu o salto, de seu sapato, entre duas tábuas. Aqui, eu levarei você pelo resto do caminho — ele ergueu-a, amando o modo que se sentiu quando ela confiadamente colocou seus braços ao redor do pescoço dele. — Bem-vinda ao lugar que eu venho para ficar longe de tudo. Três quartos, dois banheiros, uma cozinha completamente equipada, uma lareira na grande sala, e uma sala de jogos muito especial no andar de baixo. Eu espero que você aprove as mudanças que eu fiz para acomodar nosso estilo de vida. Desde que, você não pode ver, eu levarei você no andar de baixo para nosso parque de recreação particular.

Um calabouço que, realmente era um calabouço, seu amigo empreiteiro comentou quando Eli descreveu o que ele queria para um porão de jogos, alguns meses atrás. Ele nunca usou isto antes, nunca quis trazer uma sub, em especial, para seu lugar de refúgio. A antecipação de Eli aumentou quando ele levou Maggie abaixo nos degraus íngremes. Ele estava aí. E lá estava seu amigo, um anestesista que conheceu no Clube Rio Brava, que estava terminando uma residência em Dallas. Balançado a cabeça, Eli caminhou para a mesa acolchoada no centro da sala e deitou Maggie.

—O que? — ela girou sua cabeça de lado, como se ela estivesse tentando adaptar-se a seu ambiente.

— Você está em nossa sala de jogos. Meu amigo já está aqui. Aquiete-se enquanto eu tiro suas roupas — Tão suavemente quanto podia, porque ela ficou obviamente intranquila, Eli tirou seus sapatos. A meia-calça e cinta-liga seguindo o mesmo destino. Deus, mas ela tinha uma magnífica vagina, toda rosa, acetinada e suave. Ele não podia deixar de fazer isto, ele teve que a saborear. Curvando-se sobre ela, ele roçou seu clitóris,

por um momento, apreciando a forma como ela se contorceu quando o broto minúsculo endureceu e alongou.

Então, consciente da presença do seu amigo, ele se levantou e terminou de despi-la. Passando rapidamente seus dedos ao longo da pele tensa e acetinada de seu torso, ele perguntou. — Onde você gostaria de seu anel?

Um Dom que dava a sua sub uma escolha? Margaret gostou disto. Ela considerou as possibilidades. Mamilo? Umbigo? Seu clitóris pulsou naquele momento, e ela fez a escolha. Ela estendeu a mão cegamente, acariciou seu, mal barbeado, queixo. — Meu clitóris, por favor, Mestre.

Eli acariciou seu clitóris ainda inchado então recuou. — Eu esperei que você escolhesse este pequeno pedaço de carne quente.

Ela sempre quis um piercing no clitóris, mas nunca teve a coragem para por um. Agora a decisão era sua, mas ele deu a ela uma escolha. Margaret abriu suas pernas e relaxou, fechando seus olhos atrás do capuz. Ela fantasiou sobre Eli puxando um pequeno anel de ouro com seus dentes, enviando fragmentos de sensação para sua vagina que irradiariam por todo seu corpo.

Ela sentiu como se um cinto de segurança se apertasse ao redor de sua cintura, antes que alguém, não Eli, ela pensou, porque estas mãos vestiram luvas, trouxe seus braços para perto de seu corpo e prendeu seus pulsos em algemas aparentemente firmadas nos lados do cinto. — Coloque suas pernas em cima dos estribos e nós faremos isto — a voz era profunda, definitivamente masculina, mas ela não podia identificá-la. Nenhuma surpresa, desde que Eli disse que ela não o conheceria. Ela reconheceu o toque de Eli um momento mais tarde quando ele acariciou suas panturrilhas antes de pôr seus pés nos dispositivos que pareciam estribos de uma mesa de exames.

—Respire fundo agora — o estranho disse, um pouco antes do pungente odor de um desinfetante de gelo, que ele usou para limpar sua vagina chegou a suas narinas. — Você vai sentir um pequeno beliscão.

Pequeno? Era tudo que ela podia fazer para conter um grito quando ele afundou uma agulha em seu clitóris. Doeu. Muito. Perversamente ele também enviou uma onda de prazer sexual por ela, quase na intensidade do clímax.

—Tudo feito — Eli disse, soprando suavemente sobre o que ela imaginou ser seu novo piercing no clitóris. Isso enviou outro pequeno orgasmo delicioso por suas veias.

— Bem, eu imagino que você pode cuidar de sua mulher agora. Margaret sentiu o estranho se afastar, ouviu seus passos quando ele subiu os degraus. — Eu espero que você retorne o favor para mim, algum dia. Eu estarei indo. Eu tenho minha própria senhora, que espera por mim, no Clube Rio Brava.

—A qualquer hora. Obrigado. Enquanto escutou o homem partir, ela percebeu que havia enrijecido, quase esperando que Eli a oferecesse para ao outro Dom. Mas Eli não era seu velho Mestre. Ela precisava relaxar e desfrutar dele. Aproveitar isto. Margaret queria confiar nele. Precisava confiar. Ela precisava varrer de sua mente, as memórias velhas e abrir espaço para as novas, que eles fariam juntos.

Quando Tom partiu, Eli removeu o capuz dela, em seguida, acariciou-a na barriga e nos seios. — Você é tão sensual. Eu estou duro como pedra, só de olhar para meu anel, em seu bonito clitóris — muito suavemente ele tocou-o, desencadeando outra pontada de estimulação. — Eu amo olhar para isto, desejaria ousar jogar com isto agora, rodá-lo com minha língua. Acho que eu terei que ficar satisfeito por jogar com estas belezas até que você se cure — ele comprimiu seus mamilos ligeiramente então segurou seus seios.

— Agora eu sou sua escrava sexual. Eu pertenço a você, enquanto você me quiser.

— Eu sempre querei você, Maggie. Eu não sou um animal, entretanto. Eu quero mais de você que apenas submissão sexual.

Seu olhar era tão intenso que a assustou, entretanto suas mãos eram gentis. Calmantes, bem como, altamente excitantes. — Eu sei. Eu só não sou confortável com a parte do '*mais*'. Isso é novo...

— Para mim, também, querida — Ele curvou-se e roçou seus lábios sobre os dela, os pelos duros de seu bigode agradando a pele sensível do lábio superior dela. — Saiba isto. Eu nunca machucarei você. Você pode confiar em mim, tanto emocionalmente, como, também, fisicamente, da maneira que você não pode com outro ser humano.

O olhar de Eli estava fixado no piercing em seu clitóris, dourado e delicado, um rubi cintilante piscando da pequena pérola no meio. Olhar seria tudo que ele ousou fazer, até que ela se curasse. — Odeio fazer isto, Bebê, mas nós não queremos que você contraia uma infecção. Ele posicionou uma proteção de vinil esterilizada e alisou suas bordas adesivas para baixo até proteger seu novo piercing de bactérias que poderiam estar espreitando no ar, ou em suas mãos e boca. — Sua vagina está fora dos limites pelos próximos dias... eu quase desejo que você quisesse qualquer outra coisa perfurada.

— Eu sinto muito, Mestre.

Ele percebeu que a assustou quando ele quis que ela fizesse sua escolha de onde seu piercing devia ser, ainda que, ele impactou sua intimidade, por pouco tempo. Que seu desejo importava para ele. — Não sinta muito. A antecipação fará isto muito mais doce, uma vez que, você esteja curada — isso não era exatamente verdade, porque seria um verdadeiro inferno para ele negar-se o prazer de enterrar seu pênis em sua doce vagina, de tomar seu broto entre seus dentes e fazê-la se contorcer com desejo.

De repente ele chocou-se. Ele nem considerou convidar Tom para juntar-se a eles, em seus jogos sexuais. Durante os anos, em que, ele viveu o estilo de vida BDSM, Eli tomou parte em incontáveis ménages, até algumas orgias, e ele, nunca antes, não falhou em fazer a cortesia de compartilhar sua sub. Compartilhar era praticamente esperado no clube na estrada, como também nos outros calabouços, onde ele já jogou.

Ele faria qualquer outra coisa, para Tom, talvez, outro piercing para a sub favorita, do outro homem, Loretta, isto é, se Tom pudesse achar outro lugar em seu corpo para ser perfurado. Caramba, Eli queria Maggie, toda para si mesmo. Ele estava, definitivamente, apaixonado? Essa era uma possibilidade distinta. Ele estava,

definitivamente, obcecado. Ele soube que teria que lutar contra esta raia possessiva, antes, dele a compartilhar com outro Dom, até para seu próprio prazer.

Maggie sorriu, colocando sua língua entre seus lábios como se ela quisesse prová-lo até enquanto ela deitou passiva sobre a mesa, as pernas em estribos, descobrindo a recentemente barbeada vagina para seu faminto olhar. Os rechonchudos lábios brilhavam, e ela acenou. — Deixe-me agradar você, Mestre.

Sua ânsia o tocou, despertou-o. Ela pareceu amar tudo que ele fez até agora, para seu corpo, incrivelmente, sensível. Sua escrava. Não, uma parceira que ele queria levar ao êxtase a cada caminho que ele podia, a quem ele protegeria com sua vida e nunca permitiria ser machucada.

Eli olhou ao longo das paredes de calabouço, deixando seu olhar demorar no balanço de escravidão ao longo de uma das paredes espelhadas. Seu pênis ficou duro como pedra quando ele imaginou Maggie lá, seu ânus acenando para ele, enquanto, ela estaria deitada no ângulo e altura adequados para ele a penetrar. Ele afagaria seus seios redondos e sensíveis, daria mordidas de amor em sua nuca, no lugar sensível que ele descobriu, ontem à noite, logo abaixo da linha do cabelo.

Sim. Ele tinha que reivindicá-la, encher sua passagem traseira apertada com o pênis dele, fazê-la choramingar, gemer e gritar sua satisfação, novamente, enquanto ele assistia cada expressão em seus olhos, a cada curva de seu corpo, refletida nos espelhos e imprimindo-as em sua memória. Trabalhando depressa, ele soltou suas amarras antes de roçar os dedos por seus macios cachos ruivos. Ela pareceu temerária, não mais a calma, conservadora colega, mas uma sedutora, ávida para levá-lo.

Ele teve que saboreá-la, agora. Cobrindo sua boca, persuadindo-a para se abrir para ele, sua língua pegou-a lá, lenta e fácil, tão, suavemente, quanto ele pretendia penetrar o traseiro dela com seu pênis. Ele a ergueu da mesa e a levou para o balanço, nunca quebrando o beijo, até que, ele a deitou lá, de bruços, e posicionou seus quadris e coxas em ambos os lados do balanço de centro. — Dê-me suas mãos, Bebê.

— Qualquer coisa que você quiser Mestre. Sua confiança o humilhou. Muito suavemente, ele firmou cada mão nas alças de velcro acompanhando as ligas presas às coxas.

Então, ele agarrou a sua coleira para firmá-la na correia no balanço. Maldição. Ele esqueceu-se de pôr a coleira. Pegando em seu bolso, ele tirou um colar de couro suave e abaixou na frente dela. — Aquele piercing de ouro, em seu clitóris, é o sinal de que você é minha. Mas eu quero que você vista isto quanto nós estivermos sozinhos aqui — disse, mostrando a ela a coleira³⁷ de couro preto largo com gancho de ouro e anéis, onde ela imaginou que ele poderia às vezes querer prender uma guia. — Eu nunca pedirei a você para vestir isto onde outros possam ver.

— Obrigada — erguendo sua cabeça, descobrindo-lhe a garganta, ela olhou para ele enquanto ele prendeu e anexou o minúsculo cadeado dourado, que só ele tinha a chave. — Eu confio em você para cuidar de mim, Mestre.

— Eu irei. Eu prometo trazer-lhe prazer, cumprir todas as fantasias que você já teve. E, Maggie, confie que eu nunca machucarei você.

— Eu quero confiar em você completamente.

— Então, como seu Mestre, eu terei certeza que você pode. Você é minha agora — completando seu cativeiro, Eli passou as gravatas de velcro pelo colarinho cheio de anéis e ligou-as ao balanço.

Olhando no espelho, Margaret percebeu o quão impotente ela estava. Não importa, qual das imagens ela olhou nas quatro paredes espelhadas, ela se via, totalmente, submissa, para seu novo Mestre. Ela amou isto. Ser amada, totalmente, por Eli, amando a antecipação do que ele faria para fazê-la gozar. Suspensa no balanço, seus seios pendurados, sua vagina e ânus abertos, convidando seu Mestre para permanecer atrás dela, levá-la de qualquer forma que ele escolhesse. Ela o imaginou nu, aproximando-se dela, o pênis descansando contra suas nádegas, a barra grande do



piercing fornecendo um contraste fresco para o calor de sua carne desperta. Ele estaria lá, arreliando ela, suas bolas saltando contra sua racha inchada, até que, ela o implorasse, para ele penetrá-la e deixá-la gozar.

Ela sentiu-se, terrivelmente e deliciosamente, exposta. Eroticamente impotente. Nenhuma necessidade de tomar decisões agora. Eli faria isso por ela. Seu clitóris pulsou. Sim, o piercing machucou, mas não existia nenhuma dúvida sobre sua estimulação. A antecipação aumentava quando ela o imaginava tocando-a, sugando-a, avermelhando sua carne com todos os apetrechos de Dom, as ferramentas que ela estava certa que ele tinha em algum lugar neste calabouço elegante e isolado. O balanço estava pendurado no nível certo, para que seu pênis se alinhasse perfeitamente com sua molhada e necessitada vagina, se ele permanecesse entre suas pernas.

Ele sorriu para ela, seus olhos brilhando de desejo, entretanto, ele não fez nenhum movimento para retornar para o outro lado da sala. A partir do olhar atento sobre seu rosto bonito, ela achou que ele devia ter contemplado as torturas deliciosas que ele usaria para aumentar seu prazer e o dele.

Ela sempre adorou como Eli parecia volumoso e poderoso, como se ele pudesse tomar os problemas de todo mundo em seus ombros largos e resolvê-los. Ela viu aqueles ombros, agora que, ele tirou a camisa pólo azul clara. Bíceps espessos tensos, e quando ele chegou a seu cinto, seus músculos abdominais ondularam.

Ele enrolou o cinto em sua grande mão, como se ele soubesse que ela o imaginava usando isto para esquentar seu traseiro. Atirando seu olhar com um intento, ele jogou o cinto longe e empurrou sua calça para baixo, saindo dela e, logo após, ele tirou seus sapatos.

De alguma maneira ele pareceu tão sexy, com a cueca, como ele seria, totalmente, nu. O tecido de algodão levantou, mal conseguindo conter sua ereção. Quando ele tirasse a cueca, viria e administraria qualquer disciplina que sentisse necessária para sua nova escrava?

Eli se aproximou, colocou uma mão em seu pênis. Lentamente, ele deslizou suas mãos debaixo do cóis de sua cueca e empurrou-a, livrando sua ereção volumosa. — Eu

vou penetrar seu traseiro, Bebê, mas não agora — recolhendo algumas coisas de uma gaveta, ele as trouxe junto, quando ele, veio perto dela. — Calma, agora eu vou colocar as braçadeiras em seus mamilos.

— Sim, Mestre — ela queria gritar com a dor inicial. Então, quando ele apertou as braçadeiras nos dois mamilos, ela mal conseguia impedir-se de gritar com o êxtase que irradiou por todo seu corpo. A pressão aumentou, tornando-se, tão, intensa que ela fechou os olhos e gemeu.

— Olhe — ela não podia ignorar sua ordem rosnada.

Olhando no espelho mais próximo, ela viu uma grossa corrente de ouro com um peso pendurado a partir dele, preso às braçadeiras, puxando ritmicamente contra os mamilos apertados.

— Oh, sim, Mestre. Penetre-me, por favor.

— Eu irei — curvando-se, ele tomou-lhe os lábios e mergulhou sua língua no fundo da garganta dela. Muito cedo, ele quebrou o beijo, sugou-lhe o lábio inferior entre seus dentes só um momento antes de se afastar. — Eu não vou a lugar nenhum, minha escrava preciosa. Não até que eu te faça gritar de prazer.

Movendo-se atrás dela, Eli ajustou a altura do balanço. Então ele se inclinou sobre ela, e beliscou aquele lugar sensível atrás de seu pescoço, logo abaixo de onde ele tinha machucado na noite anterior. Cada toque de suas mãos, cada respiração úmida que ele tomou, sua estimulação aumentava. Lentamente, sem a urgência que a dirigia, ele traçou ao longo da curva de sua espinha. — Você é uma mulher magnífica, e você é toda minha. Murmurou, roçando em seu traseiro com um dedo.

Margaret embebeu-se em cada toque, cada respiração. O toque de sua língua, enquanto, descia lambendo a coluna vertebral foi uma sensação tão erótica que, ela nunca tinha experimentado. A reflexão a despertou, um retrato de sua impotência e o domínio dele. Ele havia contido sua força, seus inchados músculos que estremeceram enquanto ele fazia isso. Sua preocupação por seu bem-estar era evidente cada vez que ele a tocava. Ela devia ter esperado isto, pois, ele tratava seus pacientes com uma preocupação semelhante.

Quando ele acariciou suas pernas, ele suspirou. — Você não sabe quantas vezes eu olhei para você e imaginei suas pernas longas e bonitas embrulhadas ao redor de minha cintura. Meu pescoço.

— Solte-me e eu farei essa fantasia se tornar realidade. A verdade era que, ela não queria que ele a soltasse ainda. Ela amou a sensação de desamparo, de confiança, de que ele a levaria a um prazer até maior que ontem à noite... ou como ao longo da estrada deserta, uma hora mais cedo.

— Ainda não. Como querendo distraí-la, ele deslizou suas mãos até a parte interna das coxas dela e subiu até o tronco onde achou os seios apertados. Ele beliscou as pontas dos mamilos e depois os acalmou roçando sobre eles, suavemente, com seus dedos polegares. Ela não estava esperando a dor súbita quando ele cravou seus dentes em sua nádega.

— Mmm. Você tem gosto bom — ele acalmou a mordida com lentas voltas de sua língua. Quando ele curvou sua cabeça ainda mais e usou sua língua para lambar a pele sensível ao redor de seu ânus, a vagina dela se contraiu, antecipando...

Então ele parou, e ela pensou que morreria de desejo insatisfeito.

Eli ficou ali, olhando para sua escrava. Sua Maggie.

Seu colar a marcou como sua propriedade, do topo de sua cabeça até seus pequenos, bem formados pés. Deus, mas ele amou a forma como seus seios balançavam como pêssegos, prontos para a colheita, os mamilos escuros e enrugados dentro das braçadeiras. Uma camada de puro suor, em sua testa e o olhar escuro pela necessidade deu-lhe a prova muda, de sua estimulação. Entre os grandes lábios a pálida mancha da pedra minúscula de seu piercing no clitóris chamou-lhe a atenção quando ele se endireitou e olhou sua rechonchuda vagina rosada.

Quando o piercing curasse, ele chuparia e lambaria seu clitóris todas às noites, até que ela implorasse por clemência. Nada o excitava mais que a idéia de sexo com sua mulher com a vagina bem barbeada. Agora, só olhar para o anel, sua marca permanente de propriedade, deixava-o tão pronto que seu pênis estava ereto, contra sua barriga. Sua boca molhava só de olhar o mel brilhante que pingava convidativo da vagina dela. Logo,

ele seria capaz de brincar com o anel no pequeno e sensível broto, ouvir os gritos de alegria dela. A restrição temporária seria difícil, mas o prazer futuro valeria à pena. Não só porque, ele queria reivindicá-la, também. O clitóris de Maggie respondia tão rapidamente, era tão sensível, que foi feito para ser adornado.

Ele teve que a levar. Desajeitado com a envoltura, ele achou um preservativo lubrificado e colocou-o. Seu pênis pulsou, exigindo que ele a penetrasse agora, marcasse-a no mais básico dos modos.

Suas bochechas coraram e os lábios inchados marcaram seu desespero quando ela olhou, fixamente, para ele no espelho. — Por favor, Mestre, eu preciso de seu pênis dentro de mim — ela implorou, contorcendo-se, tanto quanto, seus vínculos permitiam, enquanto, olhava para a ereção dele nos espelhos que cercavam eles.

— Meu pênis precisa estar dentro de você, também — Eli pegou um lubrificante solúvel em água e passou-o sobre o preservativo, então foi atrás dela e puxou a corrente presa a suas braçadeiras de mamilo. — Eu amo brincar com seus seios, também.

— Oh sim, Mestre, isso se parece... incrível — ela pareceu ofegante, e seus mamilos inchados e rígidos. Sua reação mexeu com a estimulação de Eli, o fez ter urgência para tomá-la, agora.

— É para você sentir muito melhor. Eu vou penetrar seu rechonchudo e bonito traseiro, mas primeiro eu quero que você goze. Venha para seu Mestre.

Ela choramingou.

— Não se preocupe tudo que eu quero é o seu prazer. Um bom Mestre nunca prejudicaria o seu bem mais precioso — ele se ajoelhou atrás dela e inclinou a cabeça para a sua brilhante vagina. Então ele estendeu as mãos e segurou os globos redondos dos seios dela, nas mãos. Deus, como ele amou brincar com eles, espremê-los e amassá-los, enquanto ela gemia de prazer. Seu mel fluía, e quando ele lambeu a vagina dela, ele sentiu seu clitóris inchar e endurecer embaixo da cobertura de proteção. Ela tentou desviar, como se ela quisesse que ele a chupasse lá, mas ele não se atreveu a obrigá-la. — Logo, Bebê. Logo.

— Deus, sim — disse ela, quando ele ofereceu seus dedos. Ela pegou dois deles na boca, lambendo e chupando-os, como se, eles fossem o pênis dele, enquanto ela esfregava sua ensopada vagina contra a boca dele, aparentemente, desesperada por ele dar-lhe um clímax. Ele estava ficando desesperado, também. Se ele não transasse logo com ela, e lançasse seu sêmen retido, ele explodiria.

Ele fodeu a vagina dela com a língua, tão profundamente e rapidamente, quanto ele podia, causando-lhe choradeiras suaves. Quando ele parou, ele lambeu ao longo de sua vagina e tocou sua enrugada abertura traseira, provocando a abertura apertada com pequenos golpes de língua.

— Eu preciso de seu pênis grande, duro, dentro de mim. Por favor, Mestre — ela choramingou, quando, ele retirou os dedos.

— Relaxe, Maggie. Você sabe que sua vagina está fora dos limites, por alguns dias. Mas, não se preocupe. Eu vou fazer você gozar. Eu vou penetrar seu traseiro. Você amará isto — então ele tocou o traseiro dela, novamente, endurecendo a língua e mergulhando a ponta dela dentro do pequeno e enrugado buraco. Subindo, ele recuperou o tubo de lubrificante e colocou uma generosa bola ao redor do ânus dela. Ela se sentiu apertada, quase, como se ela nunca tivesse sido penetrada no traseiro antes, então ele esguichou mais e aplicou no preservativo que ele estava usando.

Os olhos dele brilhavam, com luxúria quente, quando Maggie olhou para o reflexo dele. A maneira como ele, deliberadamente, preparou o pênis embainhando-o com mais lubrificante a fez estremecer mais com antecipação, de que com, qualquer receio de que Eli pudesse machucá-la. Seu ânus contraiu-se, o lubrificante que aplicou refrescando o tecido inchado, do jogo da noite anterior. Ela mal podia esperar para senti-lo estirando-a, penetrando-a, com sua volumosa ferramenta.

Sua vagina contraiu-se quando ele a tocou mais uma vez com a cabeça do pênis. Ela ficou tensa, esperando que ele reivindicasse seu traseiro, tão vigorosamente, quanto ele tomou sua vagina, na noite anterior. Em vez disso, ele trabalhou um dedo em seu esfíncter anal apertado, então, um segundo.

— Respire fundo, Bebê. Relaxe. Isto vai parecer bom. Bem real — ele retirou os dedos e se moveu nela lenta e cuidadosamente. Ela tomou outra respiração funda, ofegante e conteve um grito quando sua carne protestou pela invasão. O reflexo mostrava o enorme pênis pronto, e somente, a cabeça enterrada em sua passagem traseira, a outra extremidade do comprimento, espesso separando seus corpos.

— Abra-se para mim, Maggie. Você pode suportar isso, todo. Fácil agora. Mantenha a respiração mais fácil. Relaxe e me deixe penetrar seu apertado, traseiro doce.

A idéia dele tomando-a, deste modo com seu enorme pênis perfurado assustava-a. Mas a despertava, também. Ela não podia o olhar do reflexo, enquanto, ele afundava nela, polegada por polegada, até que ela pensou que tivesse sido dividida ao meio. O toque das mãos dele em suas nádegas a acalmava. As palavras calmas de prazer e encorajamento ajudavam-na a suportar a dor da penetração para dar lugar a um sentimento de abundância que prometia prazer.

Ela olhou, mais uma vez, no espelho. Seu Mestre, respirando com dificuldade, as mãos dele, pegando suas nádegas nuas. Ela mesma, sua escrava, indefesa vinculada à vontade dele, espontaneamente. Quando ele deslizou as mãos junto ao corpo dela, achou os seios e segurou-os nas mãos, eles pareciam um. Incrivelmente, erótico quando ele enterrou o pênis, até as bolas, e pausou os movimentos. Ela queria mais.

— Essa é uma dor muito boa. Seu pênis é tão grande. Tão quente.

— Seu traseiro é apertado, Bebê. Eu não vou sair. Respire fundo. Relaxe.

Ela tentou. — Eu me sinto... cheia. Tão, tão cheia. Por favor, penetre-me. Penetre-me duro.

Quando ele retirou-se e então afundou de volta nela, ela ofegou. A dor deu lugar a uma pressão intensa. Calor percorreu seu corpo, e quando ele chegou embaixo dela e puxou a corrente que estava pendurada entre as braçadeiras de mamilo, ela sentiu uma sobrecarga sensual. Sua vagina constringiu-se, exigindo ser cheia, e seu clitóris inchou, ainda mais, contra o sinal muito privado do seu Mestre.

Com cada lento e rítmico impulso do pênis em seu ânus, o último desconforto desapareceu, sendo substituído por uma sensação deliciosa, de abundância e de

antecipação. Seu clímax começou e se espalhou depressa pelo corpo, quebrando em milhares de pequenas agulhas de êxtase, quando, Eli chegou ao orgasmo com um grito. Os espasmos involuntários do pênis, dentro dela, desencadearam uma série de pequenos tremores que a drenaram.

Ela estava tão drenada que mal registrou quando ele soltou as amarras, ergueu-a do balanço e a levou para cima. Muito mais tarde, enquanto, eles estavam deitados em uma cama tosca de pinho, embaixo de uma grande clarabóia, e que, Maggie olhou no céu estrelado. Eli Calhoun, obviamente, merecia o título de Mestre. Ele certamente a dominaria.

CAPÍTULO 5

O sol brilhava através da brilhante folhagem de outono quando Eli examinou através da clarabóia na manhã seguinte, sua ereção estava cutucando a barriga de Maggie. Ela era uma dorminhoca, toda morna, aconchegada e relaxada, do jeito que ele, sempre quis que estivesse com ele.

Eles levantariam e iriam para fora, caminhar ao longo das margens do lago, ouvir o crepitar das folhas sob seus pés, enquanto, uma brisa leve despenteava seus cabelos. Aqui, eles não tinham os pacientes, nenhuma obrigação, além, de um para com o outro. Ele tinha intenção de fazer o seu melhor, neste tempo solitário com sua amante, seu amor.

Sim, ela era seu amor. Nenhuma dúvida, sobre isto. Ele ia deixá-la descansar um pouco mais de tempo, enquanto, fazia o café da manhã. Curvando-se, ele pôs um beijo suave em seus lábios, antes de, silenciosamente, vestir-se e descer para o andar de baixo.

Juntos. Desde o fim de seu breve casamento, Eli usou aquela palavra, só em parte de sua vida que ele passou com uma sub na cama, nas horas compartilhadas com seus residentes ou em rondas, nos momentos roubados de amizade entre arrebatados casos ou depois do expediente. Ele manteve seus sentimentos em compartimentos de puro sexo, trabalho ou em atividades recreativas com seus amigos e colegas.

Maggie abriu todas estas portas para ele. Ele devia estar correndo para se cobrir, mas tudo o que ele queria fazer era ficar, construir o tipo de relação, que ele prometeu que, nunca se arriscaria, novamente.

Enquanto pássaros gorjeavam nos choupos, fora da porta da cozinha, Eli preparou café, copos de suco e vasculhou o armário para achar os ingredientes para fazer algumas fajitas,³⁸ para o café da manhã. Eles iriam relaxar... e conversariam sério sobre o futuro. Em algum momento, entre ontem e hoje, ele percebeu que Maggie era sua companheira perfeita. Ele não estava disposto a deixá-la ir ou deixar seu trabalho interferir, desnecessariamente, com suas vidas juntos.

Um inquietante pensamento cruzou sua mente. E se Maggie só quisesse sexo? Passar algumas horas longe de suas vidas pessoais e profissionais? O sentimento idílico dos momentos passados desapareceu, substituído por dúvidas. Se ela... inferno, isto fazia dez anos, e ele ainda lembrava-se da decepção de seu casamento fracassado, o sentimento de amor perdido, uma traição. Ele estava indo rápido demais, ele não era como um garoto apanhado numa onda de sentimento? Eli agarrou a alça da panela, sua outra mão apertando-se.

Caramba, ele devia esperar para ver o que ela queria. Afinal, era o que ele queria também. Ou só ele? Suas emoções guerreavam o respeito, a amizade... e a possessividade. Ele bateria naquele residente júnior, que estava sempre babando sobre Maggie, quando eles faziam as rondas.

Eli tinha que ir com calma. Pensar... pensar na sub, não na mulher. Se concentre na sensação. Teria bastante tempo, depois, para resolver à logística.

³⁸ As fajitas são panquecas a moda mexicana.

Quando ele subiu os degraus para o sótão e voltou para o quarto, Maggie ainda estava adormecida. Eli visualmente traçou a curva suave de sua espinha, então se curvou e colocou um beijo molhado nas covinhas intrigantes em suas nádegas arredondadas. Ele amou vê-la usando seu colar, sua extensão escura um grande contraste com sua pele de marfim. Maldição, uma semana atrás ele não a imaginou, mesmo deixando-o entrar em sua vida, muito menos que ela provaria ser a submissa de seus sonhos.

— Acorde dorminhoca. Eu preparei algumas fajitas — quando ela sorriu para ele, ele não resistiu à sua boca, emaranhando a língua com a dela. — Eu quero te levar para um passeio, mostrar a você onde eu fico longe de tudo.

— Isso soa como diversão, Mestre — Sua voz rouca, sonolenta o fez reconsiderar sair, rastejar de volta para cama e aliviar a dor nas bolas. Maldição, mas ela o manteria em um estado constante de estimulação.

Ele levantou-se e pegou um moletom na gaveta. — Coloque estes. Ficarão muito grandes em você, mas eu gosto da idéia de ver você vestindo minhas roupas. Além disso, tudo que você trouxe é dificilmente apropriado para passear no bosque — se ele não a cobrisse rápido, estaria juntando-se a ela, novamente, na cama. E ele tinha pensado em seguir seu cérebro e não seu pênis.



Fora com sol sarapintando o chão por uma tribuna de árvores robustas, a cabana de Eli parecia muito com outro local fim de semana que Margaret viu. Quando ela olhou abaixo em uma trilha de folhas caídas, ela viu água corrente. O rio, ela adivinhou.

Só algumas outras cabanas, pontilhavam a visão, mas ela imaginou que elas não eram tão isoladas quanto pareciam. O colar de Eli aqueceu sua garganta, lembrando-a que, ela abaixou a guarda na noite anterior. Seu clitóris vibrou quando ela caminhou, seu piercing, uma lembrança, constante, também. O moletom soltava um cheiro amadeirado, como a loção pós-barba que Eli, às vezes, usava. Quando eles alcançaram o pequeno cais, Margaret balançou sua cabeça. — Seu? — ela perguntou, gesticulando em direção

ao pequeno barco de pesca elegante, que balançou, suavemente, no ancoradouro ao lado da doca.

— Sim. Você gosta de pescar?

— Eu não sei. Eu nunca fiz isto — Não sendo uma mulher de ficar ao ar livre, ela estava, um pouco, surpreendida por saber que Eli passava muito de seu tempo livre em comunhão com a natureza. Ela perguntou-se como ele achou tempo para pesca e outras atividades ao ar livre, com um horário rigoroso no ginásio e, claro, sua carreira ocupada.

— Alguns fins de semana quando nós tivermos mais tempo, vamos fazer um piquenique e passaremos um dia na água. Você gostará disto. Seu olhar quente, como se tivesse simulando o desenvolvimento de atividades físicas na companhia dela, ele a puxou para si, tão perto que as batidas de seu coração ressoava nos seios dela. Sua vagina pulsou, seus sucos deslizaram por suas coxas quando ele segurou suas nádegas e roçou a dura ereção na barriga dela.

Uma lancha pequena rugiu, passando a doca, transformando a água escura e agitada em espumas de bolhas brancas e cinzas. Eles não estavam sós. Instintivamente ela começou a se afastar. — E se alguém nos reconhecer? — Oh não, ele ficará bravo comigo agora, me punirá.

Mas ele a surpreendeu, descansando as mãos na cintura dela e sorrindo. — Eles não vão. Não se preocupe. Ninguém está perto o suficiente para nos ver. Ajoelhe-se aqui — ele disse, indicando um lugar na doca próximo a um banco de madeira talhada, onde ele se sentou.

Ninguém confundiria o olhar atento em seus olhos escuros com qualquer outra coisa, exceto, a luxúria de um Mestre, um homem que sabia o que queria, e esperava que fosse obedecido, sem perguntas. Margaret viu aquele olhar antes, junto com o controle do Mestre. Com Eli, entretanto, ela sentiu que ele não queria, apenas, a satisfação de seus desejos sexuais e o controle sobre ela. Ele estava procurando por algo mais que sexo.

E foi assim que, em vez de Eli, ela estava pensando em outro Mestre, a pessoa que quis roubar-lhe, a autodeterminação, que ela trabalhou, tão duro, para conseguir. Não que ele tivesse sido cruel, porque ele não foi. Mas, como muitos Doms, ele

direcionou para casa, seu poder, impondo sua vontade sem qualquer consideração para ela, e suas preocupações.

Se ela leu Eli direito, ele era um homem que queria possuir seu corpo e sua alma, para comandar todos os aspectos de sua vida. Ele empenharia, plenamente, suas emoções em todos os sentidos. Se ela cedesse, iria Margaret Berman, a mulher, desaparecer, deixando só Maggie, a submissa de Eli? A perspectiva a apavorou.

Mas Deus, ela queria ceder a ele, completamente. Seria tão fácil ceder e descascar as reservas de proteção que a salvou da dor emocional, antes, quando as relações estagnaram e morreram como brasas em uma lareira, numa noite de inverno.

— Maggie, olhe para mim. Ele abaixou seu rosto, assim ela encontrou seu olhar, seu aperto gentil, contrastando com o tom duro de sua voz. — Eu vou falar. Enquanto você escuta, você pode colocar isto em sua língua e agradar meu pênis com ele.

Talvez o olhar sério em seu rosto sinalizasse apenas ânsia para explorar caminhos mais sexuais, nada mais. Talvez ele não tivesse mais do que horas de prazer em sua mente. Margaret esperou que sim. Tentando dar um sorriso, ela tomou o anel de língua, com um vibrador pequeno e substituiu o de ouro puro, que ela colocou ontem de manhã. — Como faço para ligar isto?

— Eu ligo — ele levantou um controle remoto pequeno, girando o controle com o dedo indicador, fazendo vibrar a barra contra a língua dela. Seu aquecido olhar demonstrava desejo, é claro, mas ela pensou sentir algo mais. Algo que tocou no coração dela, como também, na sua libido.

As vibrações pareceram estranhas. Despertando, especialmente, quando ela pensou sobre as sensações que ela poderia criar em seu pênis, por emaranhar o piercing de língua, com a barra do Ampallang dele. Ela sentiu aumentar sua umidade. — Gostaria que eu chupasse seu pênis, Mestre?

— Sim, por favor.

Já tenso, o pênis contraiu-se quando ela aproximou seu rosto e soprou. Entretanto, primeiro, ela provaria o gosto e a textura da superfície lisa e escura do escroto dele. Ele tinha um gosto almiscarado, e enquanto ela o roçava lá, ela pausava,

freqüentemente, para chupar um testículo e depois o outro na boca. Pela respiração acelerada, ela imaginou que ele achava muito excitante. As vibrações espalharam as sensações deliciosas, lentamente, por seu corpo.

Logo, ele estava duro como pedra e ela desejava seu sexo, mas era inútil mover as mãos sem permissão do seu Mestre. Quando ela quase tombou, ele firmou-a. — Eu tenho tanto um dever com você, quanto, você tem comigo. Você não tem que obter permissão para se mover ou manter uma postura como esta se não for confortável.

Eli parecia sincero, mas Margaret ainda hesitou antes de abandonar sua pose e descansar as mãos em suas coxas musculosas. Não querendo o desagradar, ela ainda manteve a cabeça baixa e continuou a lambar suas bolas, até que, ela provocou-lhe um gemido. Então, ela correu a língua sobre sua seta longa e rígida. O sentimento dele, arrepiando os cabelos, emaranhando seus dedos em busca da zona erógena na cabeça dela, estimulava-a até mais que as vibrações ou o sabor de macho dele. Só quando ela pensou que ela dirigiu-o além do seu desejo de conversar, como ele disse que ele iria, ele falou, entretanto sua voz era rouca, áspera em seu desejo.

— Eu soube que era um Dom com cerca de quinze anos, desde que eu era nada além de uma criança explorando sua sexualidade. Eu gosto de estar no controle sexualmente — ele fez uma pausa, suas palavras ficando entre eles como se ele esperasse uma resposta. — Eu estava casado quando comecei minha primeira residência, com uma mulher que não queria nada além de sexo de baunilha, e desde então, eu tive substitutos que forneceram tudo, exceto baunilha, é claro. Até agora, eu nunca encontrei uma sub com quem, eu podia imaginar compartilhar uma vida. Maggie, eu nunca interferirei em sua carreira ou humilharei você, do modo que eu estou achando, que seu último Mestre, pode ter feito. Mas eu quero mais que uma transa nos fins de semana. Eu estou esperando que você queira isto, também.

Ela queria, até mais do que ela precisava do controle que ele oferecia. De alguma maneira, ele soube, intuitivamente, seus receios e medos. Ele estava errado sobre seu velho mestre ser cruel, mas certo na parte, em que, ela sonhou com um Mestre com quem ela podia compartilhar tudo, não apenas sexo.

— Eu tenho trinta e sete anos de idade, e parte de mim, aparentemente, está pronto para acomodar-se. Eu aprendi que qualquer sub não me satisfará por muito tempo. Eu quero uma mulher para amar. Para compartilhar mais que apenas isto — ele ergueu o rosto dela, a fez parar de chupá-lo, para encontrar seu olhar. — Eu quero você. Mesmo antes de imaginar que você escondia uma natureza submissa, por trás da armadura de reserva que você usa, eu sofria para ter você. Você me deu sonhos molhados, fez-me querer você, tanto que, eu estava até disposto a conter o meu lado dominante. Eu planejei fazer isso na outra noite. Eu quero você. Eu quero entrar em sua sala e beijar você, a qualquer momento, na frente de qualquer um, que se importa em olhar. Maggie, diga-me que você deixará nossa relação vir à tona.

Quando ela examinou seus olhos, ela viu desejo. Mais importante, ela sentiu que ele estava sendo sincero. Ela amava a idéia de ter um companheiro, quase, tanto como ela desejava ter seu Mestre. Mas aquele desejo a apavorava, tanto, como a excitava. Uma parte dela queria correr tão rápido quanto ela pudesse para escapar da armadilha do compromisso. Outra, grande parte de seu cérebro prevenia-a para ficar e esperar que Eli, nunca, irá querer deixá-la ir.

— Bem, você vai? Não, me deixe adivinhar. Eu não dou à mínima se você usa o meu colar quando nós não estivermos sozinhos, mas eu espero que você use meu anel.

— Eu já estou usando — ele fez cócegas e vibrou, lembrando-a que estava acima de seu clitóris. Lembrando-lhe que ela pertencia a ele.

Ele ergueu a mão esquerda dela, para seus lábios, e chupou o terceiro dedo em sua boca. — Este é o tipo de anel que eu estou falando. O tipo que vai aqui, onde todo mundo pode ver.

O que? Ela não sonhou, não ousou, nem considerar, que Eli poderia querer aquele tipo de compromisso. Não agora, nem provavelmente, nunca. Maggie queria dizer sim. Em vez disso, ela aproveitou-se do fato que ele a soltou, quando ele levantou sua mão, para abaixar sua cabeça e fechar sua boca sobre a cabeça do pênis espesso. Usando a língua, ela girou a barra em seu piercing. Ele deixou-a fazer isto, apesar de sua quietude, ela não iria deixá-lo sem uma resposta. Mas ela tinha que ser cuidadosa,

considerar todas as mudanças, em que, ser sua escrava em tempo integral acarretaria. Visualizando uma vida com seu Mestre, sendo, uma grande parte sua vida profissional, uma lembrança onipresente de sua subserviência, incomodava-a, e a perspectiva intrigava-a também.

— Bem?

Do grunhido rouco de Eli, Margaret imaginou que ela, conseguiu deixá-lo, até mais, excitado. Mas ele, ainda, esperava uma resposta para sua proposta, uma verbal. Isso ficou evidente quando ele pôs as mãos nos ombros dela e disse: — Pare com isso no momento, Bebê.

— Você quer que nós vivamos juntos? — ela não podia nem pensar em casamento no momento, embora a menção de um anel implicasse isto.

— Eu quero que você case-se comigo, eventualmente, nós podemos só viver juntos, durante algum tempo, se isto for o que você quer — ele deslizou os braços ao redor dela, erguendo-a sobre seu colo. — Nós temos sido amigos por muito tempo. Nós somos colegas de profissão — seu olhar suavizou. — E você não pode negar que nós somos muito bons juntos na cama. O que mais você poderia querer?

Ela não soube. — Eu sou judia — ela deixou escapar, agarrando-se a qualquer razão para dizer não.

— E daí?

— Nossos pais, eles podem não aprovar.

— Maggie Berman, pare de inventar desculpas. Eu não vou interferir com sua religião, e eu duvido que você mexa com minhas convicções. Não se preocupe. Minha mãe amará você. Ela tem estado tentando achar uma boa mulher para mim e me fazer acomodar desde que eu terminei minha residência e voltei para o Texas — Eli pausou, e sua expressão ficou séria. — Não me diga que seus pais iriam se opor se você casasse com alguém que não compartilha sua fé.

Eles iriam, entretanto, Margaret não passou muito tempo durante os anos recentes tentando agradar seus sóbrios, acadêmicos e muito exigentes pais. Há muito

tempo, ela descobriu que o esforço era inútil. — Sim, mas eu passei a maior parte de minha vida desapontando eles, até quando eu não tentei. É... é só... oh, eu não sei.

— Bebê, eu não posso imaginar você, sempre, decepcionando qualquer um, particularmente, seus pais. Caramba, pais deveriam amar as crianças como elas são, e não poderiam pedir mais do que você já deu a eles, Academia e escola de Medicina. Você está fazendo um grande programa de residência da especialidade que é difícil para qualquer um entrar. A expressão de Eli era feroz, como se ele realmente não conseguisse entender os pais dela sentindo, qualquer coisa, além de orgulho por suas realizações.

Vamos, Eli. Tome meu direito de escolha. Ordene-me casar com você. Ele não tinha nenhum problema em ordenar que ela o servisse de todas as maneiras imagináveis. Nenhuma dificuldade de fazê-la gozar, com seu comando, bombardeando-a com mais sensações eróticas do que ela já sentiu antes. Verdade seja dita, ele não teve nenhum problema em fazer seu coração ficar sentimental com emoções que não tinham nada a ver com seu domínio na cama.

— Não é possível mudar sua mente, Maggie?

— Eu... eu, não. Não, Mestre. Ela não podia controlar o tremor que percorreu seu corpo quando ela percebeu que o desagradou.

— Bebê, eu não machucarei você. Nunca. O único modo que eu castigarei você é negando-lhe isto — ele ergueu-a e girou-a para escarranchá-lo, então, esfregou o pênis contra ela por seu moletom. — E, isso, seria muito duro de fazer — com uma mão gentil, ele segurou seu seio, então, ergueu-lhe o queixo e examinou-lhe os olhos. — Eu nunca quero fazer você chorar.

— Então, eu tenho que casar com você ou perdê-lo como Mestre?

— Eu não diria isto. Mas eu quero que nós estejamos juntos, como amigos e amantes, para nossos colegas e amigos, e como minha escrava sexual muito amada quando nós estivermos sós. Seja honesta, você quer isto, também — ele deslizou uma mão dentro do moletom dela e acariciou-lhe a racha molhada e quente. — Sua vagina está dizendo a mim sim, mas eu quero ouvir isto de seus bonitos lábios, também.

Ela o queria. Não era só sua vagina. Com cada pedaço de seu ser, ela gritava para Eli a tomar, agora. Ele disse que queria uma mulher para amar, mas ele a amava? Como ela podia pedir aquela declaração tão cedo? Mas não era muito cedo. Era como se eles conhecessem um ao outro sempre, e era verdade, ela o amava. Mas... *Diga você que me ama. Não sua residente. Não sua amiga. E não sua escrava sexual, tampouco.* — Eu não posso. Não ainda.

— Eu quero você demais para você me deixar em um canto de sua vida. Eu quero tudo — ele acariciou-lhe a mão, seu toque incrivelmente, gentil e excitante. — Pense no que temos juntos. Você realmente quer perder isto, me dizendo não?

O que é amar se não desejar... e respeitar? Margaret não pensava que ela podia discutir com seu corpo ou seu coração. Ela não podia vê-lo todos os dias no hospital e não querer lançar-se em seus braços. Ele disse que daria tempo a ela, mas ela tinha a sensação de que sete anos, não seriam suficientes, para aliviar suas preocupações.

Maldição, ela era uma cirurgiã. Ela tomava decisões em fração de segundos, normalmente, com bons resultados. Por que não tomar uma agora alcançar e pegar o que ela queria mais que qualquer coisa? Ela respirou fundo, contando com a coragem que guiava seus passos quando tentava arrancar um paciente das garras da morte. — Eu não preciso de nenhum tempo para me decidir. Não, se você me ama — então ela fixou o olhar em suas mãos unidas e esperou. Segundos se passaram, junto com sua habilidade de respirar, a esperança...

Então, ele falou com sua voz calma, confiante e convincente. — Bebê, eu amo você. Nunca pensei que me sentiria deste modo, novamente, mas eu me sinto — o sorriso de Eli ficou tão quente quanto um dia de verão, entretanto, a brisa aumentou e ela estremeceu apesar de estar usando o moletom morno dele. — Eu a amo. Agora, vamos apreciar nosso fim de semana. Nós vamos ter um tempo ocupado fazendo planos para o casamento.

Ela não podia deixar de rir. Seu Mestre não desperdiçava tempo aqui, mais do que, ele fazia em cirurgia. — Eu acabei de dizer que eu me casarei com você, e você não dará um pouco de tempo para me acostumar com a idéia?

— Não — disse, sorrindo para ela. — Eu não vou dar-lhe tempo para mudar de ideia.

Maldição, mas ela gostou de ter um Mestre que sabia o que ele queria e não era tímido, para ir atrás disto. — Tudo bem. Agora, eu posso terminar de chupar você, por favor?

— Sinta-se a vontade, Bebê. Eu não vou dizer não a você. Mas primeiro, vamos voltar para casa. Eu quero saborear cada polegada desse corpo delicioso e fazê-la gozar. Você é minha agora. Toda minha.



Do lado de dentro, a música sedutora acariciava seus ouvidos. A música que Margaret não notou que estava tocando quando tinha saído, uma hora mais cedo. Quando Eli a ergueu nos braços e levou-a, não para o calabouço, mas para o sótão onde eles dormiram, ela se sentiu... amada.

Não apenas, querida.

O doce aroma de baunilha subiu no ar, quando, ele lançou cristais de óleo de banho na hidromassagem. Velas tremulavam no peitoril, seus reflexos saltando fora da janela e clarabóia anguladas.

— Você tem seios lindos — Eli murmurou quando ele ergueu a camiseta dela sobre a cabeça. — Tentadores — ele curvou-se, beijando cada mamilo dolorido, então, se endireitou e acariciou-lhe a bochecha. — Eu te amo, sabe.

Ela sentiu algo diferente em seu toque, uma promessa de devoção, que ela nunca reconheceu em sua voz profunda, antes. Era quase, como, se ele estivesse seduzindo uma inocente, Amando-a e não dominando sua escrava. — Por favor, Mestre. Faça-me...

— Você não precisa de títulos, não agora, confie que, eu cuidarei bem de você, eu farei você gozar para mim. Ele deslizou a calça de moletom para baixo de suas pernas, as

mãos grandes acariciando-a, massageando suas pernas e coxas. Ajoelhando, ele examinou o curativo em seu clitóris, seu toque era gentil. Excitante. — O curativo está limpo. Vamos, junte-se a mim na banheira — disse, enquanto, se levantava e tirava a própria roupa.

A banheira era mais profunda do que parecia, Margaret percebeu assim que ela entrou. As bolhas mornas fizeram cócegas em seus seios quando estouraram contra seu corpo. Eli ficou atrás dela, a ereção cutucando o seu ânus. Iria ele...

Ela abriu as pernas, convidando-o ávida pela sensação de estiramento de dor e prazer quando ele penetraria seu ânus com o enorme pênis quente. Não. Não seu corpo, mas dele, para fazer o que ele queria.

— Não há pressa, agora. Venha se sente em meu colo.

Sua vagina contraiu-se em antecipação, quando ela sentou-se em suas coxas duras. A ereção quente e latejante estava aconchegada dentro de seus lábios. As mãos dele seguraram seus seios, apertando e puxando-os até que os mamilos ficaram eretos e cutucaram insistentemente as palmas das mãos dele. — Oh, sim, Mestre. Por favor.

— Assim, não é? — movendo-se, ele tomou cada mamilo entre seus dedos polegares e indicadores e rolou, puxando-os para até que eles quase quebraram a espuma fragrante da superfície da água.

Sua vagina contraiu-se, e uma sensação de urgência começou a crescer na boca do seu estômago. A pressão e os beijos minúsculos do estourar das bolhas de óleo nas pontas de seus mamilos ajudavam a aumentar-lhe a estimulação, levando-a a uma excitação febril. Ela se contorceu como se pudesse tomar seu pênis dentro dela sozinha e acalmar a necessidade urgente de ser preenchida. Tomada.

— Por favor. Você não me machucará. Eu preciso, tanto, de você dentro de mim. Não me faça esperar mais. Penetre-me agora. Ela não se importava que ele pudesse castigá-la. Ela teve que tê-lo do lado de dentro, enchendo o vazio latejante... dando-lhe seu sêmen quente... ativando seu próprio clímax.

— Relaxe, querida. Você sabe que eu não me atrevo a transar com você agora, ou brincar com o piercing no seu clitóris do jeito que eu quero.

— Você não me machucará. Não tanto como machucará se você me recusar — ela apertou seus lábios, esperando por seu castigo. — Eu sinto muito, Mestre. Faça comigo o que quiser.

Eli sentiu o corpo dela tensionar como se ela esperasse uma repreensão. Ela concordou em casar-se com ele, mas ele sabia que levaria mais que um anel em seu dedo para acalmar as dúvidas nascidas das relações anteriores e talvez até mesmo da família, que ela pensava que nunca poderia agradar. Ele esperaria, ansiosamente, ser o doutor que curaria aqueles ferimentos, ensinar-lhe-ia a confiar e a amar. Aceitá-lo como seu Mestre, novamente. E ele começaria a provar isto, agora. Ele apertou seus mamilos mais uma vez, então a soltou. — Se sente aqui mesmo. E diga-me se eu te machucar. Se você não fizer, eu avermelharei seu bonito traseiro — esticando-se, assim, ele podia colocar seus pés contra o outro lado da banheira, ele a ergueu, até que, sua quente e molhada vagina embalou seu pênis.

— Encoste-se para trás — disse, guiando-a para baixo então se erguendo o suficiente, assim ele, podia penetrá-la no traseiro. Lembrando-se para ir devagar, ele agarrou seus quadris, ergueu-a e posicionou o pênis na entrada, bem-vinda, para sua vagina. — Assim? Eu achei você gostaria — ele ajudou-a a deslizar sobre ele, levá-lo para dentro. — É isto, Bebê. Leve-me lento e fácil. Sinta-se estirando, aceitando-me, tomando meu pênis e o possuindo.

— Oh sim, Mestre.

Ela estava quente e úmida. E tão apertada, que ele estava quase com medo de avançar, temendo machucá-la, mas ela não lhe dava escolha. Uma vez que ela o levou dentro, ela começou a subir e descer, fazendo a água se movimentar. Suas ondas gentis acariciavam seus braços, seu tórax e suas costas. Quando ela abriu ainda mais suas pernas, ele alcançou entre eles e acariciou-lhe os lábios, incrivelmente, lisos, atento para não roçar contra seu clitóris.

Seu gemido encantador, disse a ele que, ela estava perto. Assim como ele. A pressão aumentou em suas bolas. Ele a penetrou cuidadosamente quando ela começou a se movimentar sobre seu pênis. Com sua mão livre, ele estendeu-a para cima e colocou

um dedo em frente a sua boca no momento que ela gritou de êxtase. Ele não podia resistir mais tempo. Quando sua vagina apertou-se ao redor do pênis dele, ele gozou, quentes e rápidos jatos de sêmen que pareceram abastecer seu próprio clímax.

— Eu nunca gozei antes, quando, não estava limitada. Horas mais tarde, Maggie sorriu para Eli, enquanto, eles estavam deitados na cama, um olhar pasmo em seus olhos bonitos.

Ele sorriu. — Você está limitada. Com ou sem as cordas, algemas e brinquedos, e sua mente sabe isto. Sabe, que eu sou seu Mestre — ele rolou sobre ela, segurando-lhe o rosto entre as mãos quando ele se debruçou sobre ela. — Mas eu sou tão ligado a você quanto você está a mim. Pela primeira vez, em minha vida, eu fui dominado pelo amor.

EPÍLOGO

Uma vez que Maggie concordou com um compromisso com Eli, por toda vida, as coisas começaram a se mover rapidamente. Nada faria Eli, voltar atrás agora, não depois que a notícia se espalhou, uma vez que eles voltaram para San Antonio. Dentro de um dia, eles mudaram suas poucas posses para a nova unidade de condomínio espaçosa dele, não muito longe de Riverwalk.

Ninguém, nem mesmo o administrador do hospital que podia ter salientado que médicos não tinham permissão para confraternizar com residentes, pareceu se importar que ela e Eli juntaram-se, muito de repente. Seus companheiros deram-lhe as boas-vindas para grupo, e suas esposas a abraçaram como uma delas, sem a mais leve hesitação. Lynn Blackstone e Shelly Silverman até conseguiram organizar uma festa de noivado surpresa apesar do horário apertado de todo mundo, em questão de três dias.

Maggie estava feliz, mas exausta das agitações da atividade. Ela sorriu até sentir seu rosto congelar, aceitando parabéns de todo mundo no hospital, dos médicos até da bonita mulher mexicana, cujo trabalho era limpar a sala de cirurgia.

Agora tudo que eles tinham a fazer era informar seus pais. Maggie tinha certeza que Eli deixou aquilo por último, porque ela estava certa que seus pais levantariam objeções.

— Eu irei primeiro — disse a ela, sentando em frente ao telefone, numa mesa de coquetel com tampo de vidro.

— Obrigada, Mestre — ela se sentou, aconchegando-se contra o corpo poderoso dele, no grande sofá de couro marrom que ocupava a maior parte da sala de estar, no condomínio, agora a casa dela, também. Tentando acalmar seus nervos, ela olhou para as fotografias emolduradas, do fim de semana na cabana de Eli e uma do Rio Medina, que ela pensou que deveria ter sido tirada ao amanhecer. As fotografias trouxeram-lhe

memórias do calabouço onde eles jogaram, o som pacífico dos animais da floresta, fora da cabana, da água correndo suavemente e caindo sobre o calcário e alguns galhos de árvore caídos, apenas, a alguns centímetros da porta da frente. Uma visita lá, e ela amou o lugar porque lhe disse coisas boas, sobre quem era Eli, deixando de lado o fato óbvio de que ele era um espécime magnífico de homem, um Mestre amoroso e um cirurgião com compaixão, como também, habilidade.

Não estava dando certo à tentativa de afastar sua mente, do pensamento, de enfrentar seus pais. Embora, ela tentasse silenciar o medo que estava aumentando em seu intestino, ela tinha certeza que Eli percebia seu desconforto.

— Está tudo bem, querida. Mamãe amará você como ela me ama. Ele pôs o telefone no viva voz e trouxe a mão esquerda dela para seus lábios. No momento, ele beijou cada dedo, terminando no que ele pôs um solitário de diamante perfeito, ontem à noite, para o encanto dos outros convidados em sua festa de noivado.

— Oi, Eli. É bom ouvir sobre você. A mãe de Eli soou como Maggie imaginou que ela iria, depois de olhar sua fotografia no gabinete de Eli, com só uma sugestão do sotaque do Texas, em sua voz. Um som de boas-vindas. Um som afugentou algumas de suas apreensões.

— Oi, Mãe. Eu tenho uma surpresa para você. Maggie Berman está aqui ao meu lado, e ela é tola, o suficiente, para ter concordado em ser minha esposa. Diga *oi* querida.

Maggie atirou em Eli um olhar surpreendido. — Como vai, Sra. Calhoun?

— Oh, meu Deus, meu menino, ainda, me fará ter um ataque cardíaco, se ele não deixar de fazer esse tipo de surpresas para mim! Diga-me tudo sobre você. Como você e Eli se conheceram, onde e quando vocês vão se casar. Quanto tempo meu filho malcriado esteve mantendo você somente para si mesmo?

Maggie apertou a mão do Eli, para ter coragem, mas sua voz saiu esganiçada, não como a cirurgiã autoconfiante que ela soube que devia projetar. — Nós trabalhamos juntos Senhora. Eu sou uma das residentes de cirurgia, que Eli supervisiona. Nós conhecemos um ao outro há seis meses, desde que ele veio para San Antonio e começou a trabalhar no hospital, mas...

Eli cortou-a. — Ela está muito envergonhada para dizer a você que eu a seduzi a menos de uma semana atrás, Mãe. Eu estou passado da idade de vadiagem, agora, que eu achei a mulher que eu quero viver para o resto de nossas vidas. O casamento será tão breve quanto você puder sair do rancho e vir, até aqui, para assistir.

— Espere um minuto, Eli. Você pensou que Maggie poderia gostar de algo mais que a cerimônia, como, a que você está planejando?

Sua mãe obviamente não sabia que Eli era um Dom, mas Maggie apreciou a preocupação. — Está tudo bem, senhora. Nós dois queremos um casamento pequeno, só nossos amigos e familiares que quiserem vir.

— Isto é bom, então. Meu filho nunca quis esperar uma vez que ele sabia o que ele queria — ela fez uma pausa, como se ela estivesse pensando sobre Eli, quando era uma criança... um adolescente... e um homem jovem, formando-se na escola de medicina. Maggie podia ouvir o amor e o orgulho em sua voz e soube que Eli nunca conheceu qualquer coisa além do amor e orgulho da sua mãe. — Você terá trabalho, fazendo meu grande filho conformar-se. Eu verei como poderei arranjar alguém para cobrir-me na celebração do Dia do Fundador e informarei quando eu estarei aí.

— Obrigada — ela sorriu para Eli. *Eu gosto de sua mãe.*

Ele sorriu para ela, então, falou. — Faça isto depressa, Mãe. Eu quero lançar esta potranca antes que ela queira cair fora.

— Agora, filho. Seja paciente. Qual a distância que os pais de Maggie vivem? — ela pausou, então, falou com Maggie. — Será que vai levar mais que um dia ou dois para levar seu pessoal até San Antonio? Não quero apressá-los.

— Eles vivem em Chicago — Maggie duvidou que sua mamãe e papai fariam a viagem. Afinal, o último evento em sua vida que eles compartilhariam com ela foi... inferno, ela não se lembrava. Foi sua formatura no colegial, quando ela foi à oradora oficial? É claro, eles só freqüentaram eventos onde ela estava sendo honrada como número um. — Se eles quiserem vir, eles podem chegar aqui em uma questão de horas.

— Se eles quiserem ir? Você quer dizer que eles poderiam não ir? — A mãe de Eli soou escandalizada, mas não menos entusiástica do que ela tinha sido antes da revelação do Maggie.

Eli falou, seu tom simpatizante. — Nós não conversamos com o Sr. e Sra. Berman, ainda. Eu quis te informar primeiro.

— Claro. Bem-vinda a família, Maggie. Nós todos vamos amar você, como Eli faz.

Depois de trocar despedidas, ela desligou. — Agora, disque o número dos seus pais, querida.

— Eles não são tão suscetíveis para recebê-lo de braços abertos como sua mãe fez comigo — oh, sim. Eles seriam em público. Nunca deveria ser dito que David e Miriam Berman comportaram-se de uma maneira, socialmente, incorreta. Mas ela não queria que Eli esperasse o tipo de alegria espontânea que ela ouviu da mãe dele. Relutantemente, ela discou o número que nunca mudou, desde que ela lembrava .

Então, ela tomou várias respirações rasas, quando o telefone tocou uma, duas e três vezes. Talvez eles estivessem fora. Ela esperava.

Não tinha tal sorte. Maggie ouviu o clicar do receptor, o som duro da voz do seu pai. — Residência dos Berman.

Não *oi*. Ele não podia nem ceder, aquele pequeno pedaço, para cultura popular. Ele e sua mãe foram pegos em um túnel do tempo e nunca tinham sido capazes de se libertar. — Sou eu, Margaret — disse, tentando manter sua voz firme, embora, seu corpo estivesse tremendo incontrolavelmente. — Eu estou noiva.

Um influxo afiado de respiração veio através dos alto-falantes, alto e claro. — Noiva?

Ela estava para falar quando Eli colocou uma mão sobre sua boca. — Sim. Eu sou Elijah Calhoun, e Maggie e eu, estamos planejamos nos casar assim que pudermos organizar. Nós queremos que vocês participem de nosso grande dia.

Seu pai estalou. — Isto é um choque. A mãe dela e eu nunca encontramos você, Sr. Calhoun.

— Doutor Calhoun — Maggie disse, conseguindo tirar a mão de Eli de sua boca.

— Eu sou uma das residentes de Eli, em cirurgia de traumas do tórax que é sua especialidade, e eu tenho feito rondas com ele — Por favor, Deus, que meus pais não estraguem tudo com Eli. Por uma vez, faça eles felizes por nós.

— Mãe! Margaret tem algumas notícias perturbadoras — seu pai gritou.

Isso a fez furiosa como também machucada. — Eu não queria perturbar você, só dizer que eu estou apaixonada e emocionada que Eli me pediu para casar com ele. Nós vamos fazê-lo em uma semana ou duas, assim que a mãe de Eli puder chegar aqui. Nada muito grande, só alguns bons amigos e espero que nossos respectivos pais.

Eli assumiu, felizmente, entretanto Maggie teria o poupado. Enquanto ela esperava que ele mostrasse o tipo de controle que ele demonstrou quando lidava com o pessoal, ele falou incrivelmente baixo, respondendo friamente, as questões formais de seus pais, embora, eles perguntassem em tom desaprovador, apenas dentro da definição de civilidade. — Sim. Eu não tenho nenhuma intenção de segurar sua filha, atrás de mim, profissionalmente — respondeu a pergunta, de se ele tinha intenção de permitir a ela seguir sua carreira. Ele respondeu perguntas sobre sua habilidade de sustentá-la, seu fundo... até seu fundo étnico, muito mais alegremente do que ela imaginou, que ele faria.

— Que dia vocês podem chegar aqui para testemunhar o casamento da sua filha?

— Eli perguntou, nitidamente cortando a inquisição antes da raiva aparente em sua expressão e em seus punhos cerrados serem demonstrados em sua voz.

— Eu não sei — disse a mãe de Maggie, seu tom hesitante. — David?

Maggie ouviu o som familiar de seu pai limpando sua garganta, deixando escapar um suspiro alto. Eles não viriam. Assim como ela pensou. Mas Eli continuou a pressão. — Bem, Sr. Berman. Nós esperamos vocês chegarem aqui, ou seu silêncio significa que vocês não vêm?

— Nós informaremos — seu pai finalmente disse. — A mãe e eu precisamos conversar.

Abraçando Maggie, Eli deu beijos gentis em seu rosto, lambendo as lágrimas que ela não tinha sido capaz de conter. — Não sei se eles virão para nos ver casar ou não, mas eu espero que eles o façam, por você.

— Obrigada. Desde que sua mãe venha, eu ficarei contente — e isso era a verdade. Maggie poderia nunca ter pais que a amassem por ela mesma, mas ela teve Eli, seu Mestre e seu amor. — Você realmente me ama, não é?

— Eu amo. Tenho praticado para dizer isso em nosso grande dia. Com isto, ele a ergueu em seus braços e a levou para seu quarto como se ela não pesasse mais do que um Bebê. — E, enquanto, eu pratico, você podia ajudar minha concentração por... — ele murmurou uma sugestão que ela estava certa não podia só tirar sua concentração, mas quebrá-la, também. Uma sugestão, que ela reconheceu, com uma inclinação em seu coração, era seu modo de levar sua mente fora da dor dos últimos momentos. Seu Mestre, que sempre cuidou de seu coração, como também seu corpo. —E — continuou com um brilho em seus olhos. — Se você for boa, eu prenderei você e comerei sua vagina até que você grite.

E ela era boa. Muito, muito boa.

Fim